

O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O NOVO ENSINO MÉDIO

ROGÉRIO ZAIM DE MELO

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física

ORIENTADOR: PROF.DR. OSVALDO LUIZ FERRAZ

Zaim de Melo, Rogério

O professor de educação física e o novo ensino médio / Rogério
Zaim de Melo. – São Paulo : [s.n.], 2003.
x, 110p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e
Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Luiz Ferraz.

1. Educação física – Estudo e ensino I. Título.

AGRADECIMENTOS

Para muitos está é a tarefa mais árdua na realização de uma dissertação: o medo de esquecer alguém; a necessidade de deixar claro o que se está sentindo.

Para mim esta tarefa é a mais prazerosa, pois só comecei a realizá-la ao terminar minha dissertação. Eu quero mais é agradecer, citar pessoas, para que elas saibam quanto foram importantes nesta minha caminhada. Sendo assim, agradeço:

Ao professor doutor Osvaldo Luiz Ferraz, o “Osvaldinho”, meu orientador, pelas longas discussões, pelo amor a Educação Física escolar e principalmente por ter aceitado pegar o bonde andando;

À professora doutora Ana Cristina Arantes, por ter iniciado esta caminhada comigo;

Ao professor doutor Glauco Nunes, pelas excelentes sugestões, pela compreensão e paciência;

À professora doutora Claudia Maria Guedes, por ter aceitado participar da banca deste trabalho e, por conseqüência, pelas suas valiosas sugestões;

Aos professores doutores Umberto César Corrêa e Irene Andrade Rangel, por terem aceitado compor a banca de avaliação deste trabalho;

Ao professor doutor Edison de Jesus Manoel por ter acreditado no meu potencial;

Ao professor Luiz Dantas, pelas inúmeras discussões produtivas;

À Ilza e a Lourdes, as meninas da pós, pela paciência e auxílio nas minhas dúvidas;

À Lúcia, que foi indispensável na realização deste trabalho;

Aos meus companheiros de mestrado: Ana Padrão, Mariana Tsukamoto, Paula, Jorge, Fernanda, Daniela Scoss, pela maravilhosa convivência;

Ao grande amigo que o mestrado me permitiu fazer: Mário André Sígoli, valeu por tudo;

Seria impossível deixar de agradecer as irmãs Martins Costa, em especial a Tias Lu e Nena, pelo amor carinho e compreensão;

À família MAGSUL, meu muito obrigado;

À Rosely, Ana Célia e Luciana Maria, pelas correções, sugestões e traduções.

Ao Júlio César e D. Sílvia, por terem passado a maior prova de paciência de suas vidas, o ano de 2002.

À Zoraide, pelas contribuições físicas, emocionais, financeiras, por tudo. Sem você esta dissertação não seria possível.

À Juci, entre tapas e beijos.

À minha “hohana”, Íris, Luiza, Marília e Caio. Por compreenderem as minhas ausências e darem forças para as minhas batalhas;

***Dedido este trabalho
às minhas obras de arte, Luiza,
Marília e Caio.***

***à Íris, tampa da minha panela,
obra de arte que não é de minha autoria,
mas é que eu mais amo.***

***E a Gigita, este é meio caminho andado
para o seu filho doutor.***

SUMÁRIO

	página
LISTA DE TABELAS	vi
LISTA DE QUADROS	vii
LISTA DE ANEXOS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT.....	x
1 INTRODUÇÃO	1
2 OBJETIVOS	4
2.1 Objetivo geral	4
2.2 Objetivos específicos	4
3 REVISÃO DE LITERATURA	4
3.1 Rever o passado para entender o presente	5
3.1.1 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9.394/96	8
3.1.2 Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - DCNEM	10
3.1.3 Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio - PCNEM	15
3.2 Um turbilhão de emoções	21
3.3 O calcanhar-de-Aquiles	25
4 METODOLOGIA – EM BUSCA DE UM NORTE	29
4.1 Instrumento para coleta de dados.....	30
4.2 Participantes	31
4.3 Procedimentos para coleta de dados	31
4.4 Procedimentos de análise dos dados	32
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
5.1 O professor	33

5.2 Prática pedagógica	47
5.3 Dificuldades e necessidades no trabalho com o ensino médio	64
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
ANEXOS	77

LISTA DE TABELAS

	Página
TABELA 1 – Média etária dos professores	33
TABELA 2 – Formação superior	34
TABELA 3 – Disciplinas mais importantes	36
TABELA 4 – Contribuição da formação acadêmica para o trabalho com o ensino médio	38
TABELA 5 – Formação continuada	42
TABELA 6 – Área de atuação	45
TABELA 7 – Contato com os documentos oficiais	47
TABELA 8 – Objetivos do ensino médio	49
TABELA 9 – Contribuições da Educação Física para que aconteçam os objetivos do novo ensino médio	52
TABELA 10 – Principais conteúdos das aulas de Educação Física	54
TABELA 11 – Interdisciplinaridade	56
TABELA 12 – Planejamento participativo	59
TABELA 13 – Expectativa do professor e autonomia	62
TABELA 14 – Dificuldades com o ensino médio	65
TABELA 15 – Necessidades para melhorar o trabalho com o ensino médio	66

LISTA DE QUADROS

	Página
QUADRO 1 – Formação superior	34
QUADRO 2 – Disciplinas mais importantes	36
QUADRO 3 – Formação acadêmica e o ensino médio	38
QUADRO 4 – Especialização, cursos/capacitações e acesso a revistas	41
QUADRO 5 – Área de atuação e tempo de trabalho no estado	44
QUADRO 6 – Acesso aos documentos oficiais	47
QUADRO 7 – Objetivos do novo ensino médio	49
QUADRO 8 – Contribuições da Educação Física para que aconteçam os objetivos do novo ensino médio	51
QUADRO 9 – Os conteúdos das aulas de Educação Física	54
QUADRO 10 – Interdisciplinaridade	56
QUADRO 11 – Planejamento participativo	59
QUADRO 12 – A expectativa do professor e a autonomia	61
QUADRO 13 – Dificuldades no trabalho com o ensino médio	64
QUADRO 14 – Necessidades para melhorar o trabalho com o ensino médio	66

LISTA DE ANEXOS

	Página
ANEXO I – Roteiro de entrevista	76
ANEXO II – Carta de apresentação	78
ANEXO III – Entrevistas	79

RESUMO

O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O NOVO ENSINO MÉDIO

Autor: ROGÉRIO ZAIM DE MELO

Orientador: PROF.DR. OSVALDO LUIZ FERRAZ

O propósito deste estudo foi: verificar se as mudanças propostas na reforma do ensino médio propiciaram alterações na ação pedagógica do professor de Educação Física; conhecer quem é o professor de Educação Física que atua em Jundiaí; verificar como está a prática pedagógica deste professor; e mapear as principais dificuldades dos professores nesta etapa da escolarização básica. A análise dos resultados mostrou que as reformas propostas pelo governo federal não propiciaram alterações na ação pedagógica do professor de Educação Física, professor este que é formado em Jundiaí. As aulas de Educação Física são ministradas no mesmo período que as demais e o principal conteúdo das mesmas é o esporte coletivo. As maiores dificuldades dos professores são a inexistência de bons trabalhos no ensino fundamental e a falta de cursos e capacitações orientados para o ensino médio. Suas maiores necessidades são um maior apoio do Governo no que concerne a cursos e capacitações e aumento do número de aulas para o ensino médio.

Palavras chaves: Educação Física; ensino médio; ações governamentais.

ABSTRACT**THE PHYSICAL EDUCATION TEACHER AND THE NEW HIGH SCHOOL****Author: ROGÉRIO ZAIM DE MELO****Adviser: PROF.DR. OSVALDO LUIZ FERRAZ**

The purpose of this study were: to verify if the proposed changes in high school reform really caused changes to the pedagogic action of the PE teacher; to know who the PE teacher acting in Jundiaí is; to verify how the pedagogic practice of this professor is; and to map the main difficulties teachers have at this level of high school. The analisys of the results showed that the changes proposed by federal goverment didn't cause changes in the pedagogic action of the PE teacher graduated in Jundiaí. The PE classes are given at the same period that others one, and their main content is sport. The main difficulties teachers have to face are lack of courses and qualifications tailored to high school. Teachers main needs are: a great support from the goverment related to courses and qualifications and the increasing of classes for high school.

Key words: Physical Education; high school; goverment actions.

1 INTRODUÇÃO

Escrever para algumas pessoas pode ser fácil, mas para a grande maioria não é, às vezes ficamos horas na frente do computador e nada, nenhuma linha. Mas para se obter o título de mestre é preciso escrever uma dissertação. Por onde começar? Para quem escrever? Como escrever? São dúvidas que estão e estarão sempre na cabeça de quem escreve. A idéia fica incubada por um tempo e de repente aí está: as linhas começam a ser preenchidas, a ter forma, a ganhar corpo até tornar-se um texto. Mas como diria Mário Prata: *“os textos de teses e dissertações são escritos apenas para o julgamento da banca circumspecta, sisuda e compenetrada em si mesma... O mais interessante na tese é que, quando nos contam, são maravilhosas, intrigantes. A gente fica curiosa, acompanha o sofrimento do autor, anos a fio. Aí ele publica, te dá uma cópia e é sempre - sempre - uma decepção. Em tese. Impossível ler uma tese de cabo a rabo. São chatíssimas”*.

E, pensando como Mário Prata, ao longo destas linhas procurarei escrever um texto não só para a banca e sim, para todos (professores, alunos de graduação e/ou simplesmente leitores) que queiram tirar proveito do mesmo. Sendo assim inicio com uma pequena história:

Era uma vez um menino que sempre foi grande, grande no sentido restrito de ser alto e gordo. Em suas aulas de Educação Física nunca tivera nada além de “pé-bola” (futebol), “mão-bola” (vôlei, basquete e handebol) e corridas, abdominais, flexões de braços, polichinelos. Era necessário correr tantos metros, fazer “n” flexões, polichinelos, abdominais para ser aprovado. Nestas aulas, sempre foi discriminado. Que aulas eram essas? As aulas de Educação Física. Correr não era o seu forte, flexão de braço, nem pensar e, como se não bastasse, não possuía habilidades para o futebol, e, este, muitas vezes era o conteúdo das suas aulas. Ao longo de oito anos, de Educação Física escolar, esta situação não se modificou, era sempre a mesma coisa “pé-bola” e “mão-bola”; e, mesmo assim, a Educação Física o intrigava, atraía-o.

O menino cresceu e chegou o tempo de encarar o vestibular. Pensou em fazer medicina, direito, engenharia, mas algo no seu coração falou mais alto: optou por fazer um curso de Licenciatura em Educação Física, longe da cidade que

morava, de preferência no estado de São Paulo. Impulsionado pela curiosidade, necessitava entender se a Educação Física oferecia algo além do esporte.

No dia do resultado quase “morrera” de alegria, fora aprovado. As aulas começaram e o menino grande se apaixonou pelo curso. Estudou filosofia, sociologia, atividades expressivas e lúdicas. Percebeu que existia muito mais que uma bola, conheceu novas teorias para a velha Educação Física, abordagens humanistas, biologistas, politizadas, entre tantas. Nessa época, a própria educação no Brasil passava por grandes mudanças; a nova LDB acabara de ser promulgada. Mesmo assim, a realidade nas escolas permanecia a mesma: **esporte, esporte e esporte**. O curso de licenciatura exigia que se fizesse estágio na disciplina Prática de Ensino, e assim o fez, foi para uma Escola Estadual de Ensino Médio (naquela época 2º grau). Vislumbrou a chance de mudança e propôs um programa de aulas baseado em jogos e brincadeiras.

Para concluir seu curso era necessário apresentar uma monografia. A pesquisa abrangia os conteúdos de educação física adequados ao 1º ano do Ensino Médio e esta foi realizada com a turma do estágio. Verificou na pesquisa que os alunos necessitavam de que as aulas de Educação Física rompessem a barreira do esporte. Que os alunos não sabiam a diferença existente entre Educação Física e Esporte. Parte dos alunos solicitava aulas que tivessem como conteúdo danças, jogos, lutas, capoeira, ginástica, expressão corporal e, a minoria deles, esporte. Isto comprovava a necessidade de aulas mais diversificadas (ZAIM DE MELO, 1997).

Terminado o curso, o garoto, agora não tão menino, formou-se professor em Educação Física. Voltou para a sua cidade natal e foi para o mercado de trabalho, estava agora a aproximadamente mil quilômetros de distância de onde fizera sua graduação, dava aulas do Jardim III ao 3º ano do ensino médio. Mesmo trabalhando e buscando efetivar mudanças, a realidade nas demais escolas o intrigava, pairava uma dúvida, a realidade do ensino médio seria a mesma em relação à encontrada em Rio Claro?

Procurando responder a esta questão, o jovem professor, muito entusiasmado, ampliou a pesquisa anterior. Repetiu o mesmo procedimento, buscou os conteúdos adequados ao 1º ano do Ensino Médio, mas agora em uma realidade sócio-cultural totalmente diferente da anterior. A primeira pesquisa foi realizada em

Rio Claro-SP, e esta última seria desenvolvida em Ponta Porã – MS. Será que as necessidades e ansiedades dos alunos seriam as mesmas?

A pesquisa foi realizada e o resultado exatamente o mesmo: alunos de contexto tão diferentes (Ponta Porã-MS e Rio Claro-SP) clamavam por mudanças, por aulas diferenciadas com conteúdos diversificados (ZAIM DE MELO, 2002).

Nessa mesma época, o Governo Federal (FHC) estava implementando uma série de mudanças na estrutura do ensino médio, buscando melhorar a escolarização neste nível de ensino.

A proposta abarca medidas pelas quais propiciamos ao ensino médio bem cumprir o papel que dele se exige hoje em dia: um transmissor flexível e dialético de conhecimento, que ensine a aprender, oriente em relação à vida, à carreira, prepare para o exercício da cidadania e da democracia. (SOUZA, 1999a)

De posse dessas informações e dos resultados de suas pesquisas, o “nosso menino” percebeu que sua história não terminava ali, precisava estudar mais, suas dúvidas permaneciam: Será que com todas essas mudanças a ação pedagógica sofrera alteração? Quais seriam as principais dificuldades do professor para se trabalhar com o ensino médio? Quais seriam seus maiores anseios?

Buscando solucionar estas dúvidas iniciou esta dissertação com a seguinte questão: as mudanças propostas na reforma do ensino médio modificaram a prática pedagógica do professor de Educação Física? Para alcançar este objetivo realizou uma pesquisa de natureza qualitativa com professores que atuam no ensino médio na cidade de Jundiaí – SP. Os dados foram coletados com entrevistas estruturadas com questões que versavam sobre a formação profissional e a prática pedagógica destes professores.

Para análise dos dados utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo, fundamentada nos estudos de TRIVIÑOS (1987). O objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações ocultas ou explícitas.

Os resultados foram divididos e analisados em três blocos: o professor; a prática pedagógica; e as dificuldades e necessidades para se trabalhar com o ensino médio. A análise dos dados possibilitou estabelecer o perfil do professor de Educação Física que trabalha com ensino médio de Jundiaí. Antes de analisar a

prática pedagógica, foi importante conhecer quem era este professor. Finalizando, os resultados indicaram as dificuldades e necessidades que os professores possuem para se trabalhar com o ensino médio.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Verificar se as mudanças propostas na reforma do ensino médio têm propiciado alterações na ação pedagógica do professor de Educação Física.

2.2 Objetivos específicos

- a) Conhecer quem é o professor de Educação Física que está atuando no ensino médio.
- b) Verificar como está a prática pedagógica destes professores.
- c) Mapear as principais dificuldades dos professores nesta etapa da escolarização básica.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A literatura que subsidiou este estudo é apresentada a partir de um tema gerador: **Ensino Médio - o monstro não é tão feio quanto parece**, onde se buscou apresentar a evolução do ensino médio brasileiro ao longo da história, os documentos oficiais que o regem, o público ao qual este se dirige e os principais estudos realizados, em Educação Física, nesta etapa da educação básica.

O ensino médio, com o passar dos tempos, tornou-se o “calcanhar-de-Aquiles”¹ da Educação Física escolar. Existem poucos estudos sobre o tema, poucos cursos de atualização e/ou capacitação, um verdadeiro abandono. Entretanto a partir deste momento será mostrado que o “monstro não é tão feio quanto parece”. Para se atingir este objetivo serão apresentados os seguintes temas, com seus respectivos assuntos: 3.1) rever o passado para entender o presente – a história do ensino médio; 3.2) um turbilhão de emoções – a adolescência será abordada; e 3.3) o calcanhar de Aquiles – no qual abordarei as principais pesquisas que envolvem a Educação Física no ensino médio.

3.1 Rever o passado para entender o presente

Olhar para trás, não significa retroceder. Um homem para conhecer/entender o seu presente precisa compreender o seu passado. Buscando esta compreensão, eu volto à história para entender o ensino médio. Para adentrar nesta incursão histórica será estabelecido como início uma década limite: década de 30, época em que o sistema de ensino brasileiro passou a ser organizado com base em um sistema educacional (GONÇALVES & PIMENTA, 1992) e para terminar 2003, ano em que esta pesquisa foi concluída.

O ensino médio, que se possui hoje, já teve vários nomes e “apelidos”, foi secundário, médio, colegial (clássico e científico), 2º grau e novamente ensino médio.

Para BETTI (1991) “*o ano de 1930 foi um divisor de águas na história da educação brasileira*” (p.64). Em 1930, é criado o MES, Ministério da Educação e Saúde Pública, tendo como primeiro ministro Francisco Luiz da Silva Campos, que em 1931 realizou reformas nos diversos segmentos do ensino (secundário, comercial e superior), reformas estas que ficaram conhecidas como “Reforma Francisco Campos”.

¹ É uma das mais populares metáforas sobre a fragilidade humana. Tétis segurou seu filho Aquiles pelo calcanhar para mergulhá-lo num rio egípcio que o tomaria invencível. Mas, durante uma batalha Aquiles tomou uma flechada em seu único ponto vulnerável: o calcanhar, que não havia sido banhado no rio por sua mãe. A partir daí, a expressão calcanhar-de-aquiles indica um ponto fraco de uma pessoa. (DUARTE, 2002)

O ensino médio tal, como é hoje, começou a ser delineado na Reforma Francisco Campos que dividiu o *ensino secundário* em duas fases ou dois ciclos: Fundamental, com duração de cinco anos, que objetivava a formação geral e o Complementar, com duração de dois anos que tinha como meta principal a preparação para o ensino superior. Em todas as séries do ensino secundário era obrigatória a presença da Educação Física, que era concebida como prática educativa sem o caráter de disciplina (BETTI, 1991).

Paralelo ao desenvolvimento do ensino secundário crescia o ensino profissionalizante, outra parcela do ensino destinada ao adolescente. Mas, enquanto o ensino secundário era destinado às classes média e alta, pois buscava formar a “elite” pensante do país, o ensino profissionalizante se destinava à formação de mão-de-obra para o comércio e a indústria.

Desse modo, a formação de trabalhadores e cidadãos no Brasil constitui-se historicamente a partir da categoria dualidade estrutural, uma vez que há uma nítida demarcação da trajetória educacional dos que iriam desempenhar funções intelectuais ou instrumentais...(KUENZER, 2000, p. 27)

Passados, aproximadamente, dez anos da Reforma Francisco Campos, Gustavo Capanema, então ministro da Educação e Saúde Pública, em 1942, iniciou um conjunto de reformas que ficaram conhecidas como *Leis Orgânicas do Ensino*, reformulando novamente todo o ensino brasileiro, e desta vez incluindo o ensino primário. Foram ao todo oito decretos-leis: decreto que criou o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial); Lei Orgânica do Ensino Industrial; Lei Orgânica do Ensino Secundário; Lei Orgânica do Ensino Comercial; Lei Orgânica do Ensino Primário; Lei Orgânica do Ensino Normal; Decretos que criaram o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial); e Lei Orgânica do Ensino Agrícola (GONÇALVES & PIMENTA, 1992).

Com a Lei Orgânica do Ensino Secundário, o mesmo ficou organizado em dois ciclos: o Ginásial, com duração de quatro séries anuais e o Colegial, subdividido em Clássico e Científico, com duração de três a quatro anos.

As Leis Orgânicas pouco modificaram a situação dual que existia entre o ensino secundário, propedêutico e o técnico, profissionalizante. “Entre os mesmos não havia nenhuma possibilidade de passagem, selando assim o destino

educacional-profissional do aluno após o primário” (GONÇALVES & PIMENTA, 1992, p. 36).

Em meados da década de 50, uma pequena modificação é feita na legislação buscando a equiparação dos cursos secundários e técnicos. O acesso ao ensino superior seria mediante o exame vestibular, podendo realizar a prova alunos oriundos dos cursos secundários ou técnicos (FRANCO, 1999).

Esta legislação permanece vigente até 1961 quando foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4.024/61), um fato inédito no Brasil, uma só lei que versasse sobre todos os níveis de ensino e, ao mesmo tempo, fosse válida para todo o território nacional. Novamente, através da legislação buscou-se eliminar a dualidade ensino secundário x ensino profissionalizante. KUENZER (2000) destaca:

... pela primeira vez, a legislação educacional reconhece a integração completa do ensino profissional ao sistema regular de ensino, estabelecendo-se a plena equivalência entre os cursos profissionalizantes e os propedêuticos, para fins de prosseguimento dos estudos (p.29).

Sobre a LDB 4.024/61 (GONÇALVES & PIMENTA, 1992) afirmam que a mesma foi:

... uma oportunidade que a sociedade brasileira teve para organizar formalmente seu sistema de ensino atendendo às necessidades determinadas pelo estágio de desenvolvimento social da época. No entanto, não contemplou a necessária democratização da escolaridade... as heranças culturais e as formas de atuação política foram suficientemente fortes para manter o sistema educacional distante do direito à escolarização (p. 45-6)

Dez anos após a primeira LDB, em 1971 é promulgada a Lei 5.692/71, segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O ensino secundário que compreendia o ginasial e o colegial deixa de existir. O ginasial é acoplado ao primário e passa a ser chamado de 1º grau, com duração mínima de oito anos, extinguindo-se, assim, o exame de admissão. O colegial e o ensino técnico passam a ser chamados de 2º grau, com caráter terminal, não mais com a característica de continuidade, que vigorava no antigo ensino médio.

Novamente na tentativa de superar a dicotomia: ensino propedêutico X ensino clássico, a legislação estabeleceu a profissionalização compulsória no ensino

médio; dessa forma todos teriam uma única trajetória (KUENZER, 2000). A Lei 5.692/71 representou uma tentativa de conter a demanda do ensino superior e ao mesmo tempo fornecer quadros profissionais de nível médio necessários ao sistema produtivo (FREITAG² citado por BETTI, 1991).

Com a nova legislação as escolas de 2º grau deveriam adequar-se à nova característica desta etapa de ensino: profissionalizar. Mas, na prática esta transformação não ocorreu. Logo após a promulgação da Lei, algumas escolas já começaram a burlá-la, culminando com uma nova Lei, a 7.044/82 que restabeleceu a modalidade de educação geral (KUENZER, 2000).

Após a 7.044/82 nem um avanço significativo foi feito para modificar a estrutura do ensino de 2º grau. Mudanças estruturais começaram a ser idealizadas com a promulgação da 3ª Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei Darcy Ribeiro ou Lei 9.394/96.

3.1.1 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9.394/96

Em 20 de dezembro de 1996 o Governo Federal promulga a terceira LDB, a Lei Darcy Ribeiro ou 9.394/96 que traz em seu corpo textual mudanças significativas para a educação nacional. O enfoque que será dado nesta pesquisa baseia-se nas mudanças que se referem ao ensino médio, buscando romper a dicotomia: ensino propedêutico X profissionalizante e restaurar a identidade do ensino médio, este passa a integrar a educação básica, constituindo-se a etapa final da mesma. Compõem a educação básica a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, pois:

A atual lei define uma concepção unificada de educação básica que abrange a formação do indivíduo desde zero ano de idade até o final do ensino médio... (PEREIRA & TEIXEIRA, 2000, p.90).

O ensino médio deverá ser organizado de acordo com regras comuns à educação básica, devendo ter uma base nacional comum, que deverá ser

² B. FREITAG, *Escola, estado e sociedade*. São Paulo: Moraes, 1986.

complementada por uma parte diversificada, de acordo com características regionais e locais (art.26).

Embora exista na legislação uma parte diversificada, na prática a mesma não vem ocorrendo, pois os vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) acabam por criar um currículo mínimo, já que as escolas ensinam o que é cobrado em suas provas.

Os objetivos do ensino médio estão expostos em seu artigo n. 35, desta LDB, sendo eles:

I – consolidação e aprimoramento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos;

II – preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação e aperfeiçoamento posteriores;

III – aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Estes objetivos deixam claro as intenções do legislador, um ensino médio que ao mesmo tempo prepare para o vestibular (inciso I) e prepare para o mundo do trabalho, não mais profissionalizando o indivíduo, e sim, dando condições para que o mesmo se “enquadre” neste mundo do trabalho.

Uma outra preocupação é com a formação para a cidadania (inciso II). Segundo PILETTI (2000):

Embora a formação para a cidadania não ocorra exclusivamente numa determinada fase da vida, antes deva ser permanente, é na adolescência – durante o ensino médio, para os poucos que conseguem alcançar esse nível de ensino – que o indivíduo começa a exercer um direito que constitui uma das características mais importantes da cidadania: o voto... (p.52)

O currículo do ensino médio terá como destaque a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como

instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania. Ao final do ensino médio o aluno deverá dominar os princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna, conhecer formas contemporâneas de linguagem, dominar conhecimentos de filosofia e sociologia, estes necessários para o exercício da cidadania (Art.36).

O ensino profissionalizante poderá existir desde que esteja articulado como ensino médio, mantendo a formação geral do educando.

O início destas mudanças se dará via o estabelecimento de competências e diretrizes, pela União, para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e conteúdos mínimos, assegurando assim a formação básica comum.

3.1.2 Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – DCNEM

Indo ao encontro com a LDB, art. 9, item IV, que afirma ser de competência da União estabelecer diretrizes para a escolarização, em 26 de junho de 1998 a Câmara da Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE), via resolução n. 3 institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 1999).

Segundo o próprio documento, as DCNs são constituídas por um conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização pedagógica e curricular das escolas (Art. 1º).

Segundo SOUZA (1999b):

“As diretrizes curriculares nacionais são bastante amplas mas oferecem a estrutura básica que pode ser considerada o alicerce sobre o qual os sistemas estaduais de ensino e as unidades escolares elaborarão as propostas pedagógicas e estabelecerão a organização curricular do ensino médio...” (p.35)

O novo currículo deve ser coerente com princípios estéticos, políticos e éticos. O princípio estético é o da sensibilidade, que buscará estimular a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade e a afetividade substituindo a estética da repetição e da padronização. Novos valores para uma sociedade que não está mais baseada em padrões. O princípio político é o da igualdade, que tem como ponto de partida o

reconhecimento dos direitos humanos e dos deveres e direitos da cidadania, visando identidades que busquem e pratiquem o respeito ao bem comum, o combate à discriminação e o respeito aos bens públicos. E o princípio ético é o da identidade que tem como fim a autonomia (Art. 3º).

Neste currículo do novo ensino médio não mais existem disciplinas obrigatórias e sim áreas de conhecimento vinculadas às suas tecnologias, (as três áreas do conhecimento são: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; e Ciências Humanas e suas Tecnologias) que podem ser desdobradas em disciplinas. ... *“As áreas não eliminam as disciplinas – antes, permitem (re) agrupar os conhecimentos, e, evitando-se a fragmentação”* (BRASIL, 2002a). Estas áreas juntamente com a Educação Física e a Arte serão a base nacional comum do ensino médio. Cada área de conhecimento possui a sua especificidade.

Neste ponto, as DCNs apresentam uma incoerência, pois se a Arte e a Educação Física são componentes curriculares obrigatórios, segundo a LDB (art.26), elas não foram incluídas em nenhuma área de conhecimento.

A área de conhecimento *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias* tem como objetivo a construção de competências e habilidades que permitam ao educando: a compreensão e o uso de sistemas simbólicos, sustentados sobre diferentes suportes e seus instrumentos de organização cognitiva da realidade e de sua comunicação; o aprofundamento dos estudos de Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria interioridade; o estudo de língua estrangeira como instrumento de acesso a informações, outras culturas e grupos sociais.

A área de *Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias* tem como objetivo a construção de competências e habilidades que permitam ao educando: a compreensão à ciência e à tecnologia como construções humanas situadas historicamente; apropriar-se dos conhecimentos gerados para cada ciência; entender os princípios das tecnologias contemporâneas e associá-las aos conhecimentos científicos e aos problemas que se propõem solucionar; relacionar princípios científicos e tecnologias a sua vida, ao seu trabalho e ao desenvolvimento de

conhecimento e das sociedades; resolver problemas com base nos princípios científicos, de forma contextualizada, utilizando tecnologias contemporâneas.

A área de *Ciências Humanas e Sociais e suas Tecnologias* tem como objetivo a construção de competências e habilidades que permitam ao educando: a tradução de forma crítica e criativa, o conhecimento das ciências sociais, tornando-o capaz de gerar respostas adequadas a problemas atuais e situações novas; o uso da produção histórica dos direitos e deveres do cidadão; a compreensão do espaço ocupado pelo homem; a percepção da sociedade como uma construção humana e dos processos sociais como orientadores da dinâmica de diferentes grupos e indivíduos.

Juntamente com o viés das áreas de conhecimento, o documento traz a necessidade de se desenvolver competências e habilidades. Busca-se o ensino fundamentado no domínio de competências básicas e não no acúmulo de informações. Este deve ter como meta dar significado ao conhecimento escolar, contextualizando-o; evitar a compartimentalização do saber, através do processo de interdisciplinaridade, somado a isso, incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender, por parte do aluno.

Mas o que são competências?

Se formos buscar em um dicionário encontraremos a seguinte resposta:

Competência: (s.f) Qualidade de quem é capaz de apreciar e resolver certo assunto, fazer determinada coisa, capacidade, habilidade, aptidão, idoneidade (BUARQUE DE HOLANDA, 1988, p.164).

Mas só esta definição não é suficiente para compreendermos a noção de competência que permeia o novo ensino médio: preparar o aluno para o exercício da cidadania e o mundo do trabalho.

A noção de competência que é utilizada na educação tem origem nas indústrias onde a mesma se encontra em um contexto de contratação massiva dos empregados, mudanças aceleradas nas tecnologias de produção e de processamento de informação, aumento da concorrência no mercado (ALANIZ, 2003). Assim a noção de competência procura adequar a formação profissional às exigências do novo mercado de trabalho.

Mas por que a escola está se utilizando desse conceito?

Segundo PERRENOUD (1999):

... como o mundo do trabalho apropriou-se da noção de competência, a escola estaria seguindo seus passos, sob o pretexto de modernizar-se e de inserir-se na corrente dos valores da economia de mercado, como gestão dos recursos humanos, busca da qualidade total, valorização da excelência, exigência de uma maior mobilidade dos trabalhadores e da organização do trabalho (p.12).

Mas qual é a noção de competência que a escola está “comprando”? Esta noção de competência tem fundamentação teórica nos estudos de PERRENOUD (2003): *“competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”*.

A escola, ao longo dos anos, vem trabalhando competências; aprender a ler, a contar, a desenhar, etc. Conhecimentos disciplinares são trabalhados, como a Geografia, as Ciências, a Educação Física, entre tantos. Mas a escola não tem a preocupação de ligar estes conhecimentos a certas situações da vida. É este obstáculo que o ensino por competências busca romper.

Cabe aqui salientar que o ensino por competências e habilidades não abandona a utilização dos conteúdos disciplinares, que tradicionalmente trabalham os conteúdos teóricos da escola. Ninguém aprende nada desvinculado de fundamentação teórica. Os conteúdos ganham destaque na medida que se tornam ferramentas para que o professor possa relacionar o seu componente curricular com a vida.

Em consonância com os objetivos estabelecidos na LDB são apresentadas no Art. 4º, as competências que devem ser desenvolvidas no ensino médio (BRASIL, 1999, p. 69):

I – desenvolvimento da capacidade de aprender e continuar aprendendo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico, de modo a ser capaz de prosseguir os estudos e de adaptar-se com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento;

II – constituição de significados socialmente construídos e reconhecidos como verdadeiros sobre o mundo físico e natural, sobre a realidade social e política;

III – compreensão do significado das ciências, das letras e das artes e do processo de transformação da sociedade e da cultura, em especial

as do Brasil, de modo a possuir competências e habilidades necessárias ao exercício da cidadania e do trabalho;

IV – domínio dos princípios e fundamentos científicos-tecnológicos que presidem a produção moderna de bens, serviços e conhecimentos, tanto em seus produtos como em seus processos, de modo a ser capaz de relacionar a teoria e o desenvolvimento da flexibilidade para novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

V – competência no uso da língua portuguesa, das línguas estrangeiras e outras linguagens contemporâneas como instrumento de comunicação e como processos de constituição de conhecimento e de exercícios de cidadania.

Em relação ao número de aulas destinadas a cada área, e ou disciplina, o desenho curricular deverá ser estabelecido pelas secretarias estaduais de educação, estando de acordo com a LDB.

No estado de São Paulo, a Matriz Curricular básica do novo ensino médio foi instituída pela Resolução SE-7 de 19 de janeiro de 1998 (SÃO PAULO, 1999) e estabelece o número de dias letivos por ano (200), a duração das aulas (50 minutos) e a carga horária destinada a cada um dos componentes curriculares (Art. 6º)

I – as escolas que funcionam no período diurno com carga horária de 20 horas semanais deverão acrescentar 2 aulas de Educação Física a serem cumpridas em horário diverso...

II – aos alunos do período noturno, por opção da escola, poderão ser oferecidas aos sábados, até duas aulas de Educação Física..., sempre mediante critério do Conselho da Escola e opção dos alunos; (p. 76)

Todos os documentos até aqui trabalhados (LDBEN e DCNs) tratam de normatizar o ensino médio, áreas de conhecimento, princípios, competências, carga horária, etc. Mas, quais serão os conhecimentos que deverão ser abordados em cada disciplina e/ou componente curricular? Estas respostas podem ser encontradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

3.1.3 Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio - PCNEM

O terceiro documento que compõe a “tríplice aliança³” são os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), que o Ministério da Educação tornou público e à disposição dos professores e das escolas com o papel de difundir os princípios da reforma curricular e ser uma espécie de guia para orientá-los (professores e escola). Segundo SOUZA (1999a): “*Na nova pedagogia do novo ensino médio, a escola encontrará grande apoio nos Parâmetros Curriculares Nacionais...*”

NASCIMENTO (2000) destaca que os PCNs:

... parecem constituir uma proposta de currículos nacionais, onde a nomenclatura ‘parâmetros curriculares’ apenas é utilizada para dar uma pretensa flexibilidade, devido ao caráter genérico dos objetivos, conteúdos e avaliações e orientações pedagógicas contidas nos documentos. (p.185)

Os PCNEM são compostos de quatro volumes, sendo eles: Volume I – Bases Legais, Volume II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Volume III – Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Volume IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias. No primeiro volume são apresentados os documentos oficiais, que legalizam as reformulações do ensino médio e a concepção do governo para esta etapa de ensino. Os outros volumes apresentam os conhecimentos de cada área de conhecimento.

Na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias estão incluídos os conhecimentos de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física, Arte e Informática. A área de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias traz conhecimentos de Biologia, Física, Química e Matemática. E, na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias estão os conhecimentos de História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Antropologia e Política.

Embora a Educação Física esteja incluída na área de Linguagens, em seu texto introdutório não há nenhuma referência à mesma, que justifique a sua presença neste grupo.

³ Utilizei o termo “tríplice aliança” para me referir à tríade de documentos oficiais que auxiliarão a compor o novo ensino médio.

O documento de Conhecimentos de Educação Física inicia-se com os objetivos do mesmo:

... propor, de maneira objetiva, formas de atuação que proporcionarão o desenvolvimento da totalidade dos alunos e não só o dos mais habilidosos. Aproximar o aluno do Ensino Médio novamente da Educação Física (p.155).

A realidade das aulas no ensino médio é diagnosticada: aulas meramente recreativas; aulas que são utilizadas como espaço para treinamentos, onde se confunde Educação Física com esporte formal; aulas que repetem o conteúdo do ensino fundamental, gerando, assim, desinteresse dos alunos e por consequência a evasão das quadras e das aulas.

Um dos caminhos apontados para a mudança desta situação, a falta de prestígio da Educação Física, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, é a volta da vertente da Aptidão Física e Saúde. *“Uma Educação Física atenta aos problemas do presente não poderá deixar de eleger, como uma das suas orientações centrais, a da educação para saúde” (p.156).*

Voltar à *Aptidão Física e Saúde* neste caso é a utilização de uma proposta “terapêutica-compensatória” na qual a saúde e o lúdico são utilizados para compensar as mazelas oriundas da modernidade. Este discurso de saúde encontra grande apoio em outra fala que nos últimos anos vem ganhando força no Brasil: o discurso da qualidade de vida. LIPP (1996) informa que a Qualidade de Vida se manifesta quando o viver é bom e compensador em quatro áreas: social; afetiva, profissional e a que se refere à saúde.

Uma volta à saúde não pode significar abandonar as outras áreas que a Educação Física deve desenvolver e os documentos oficiais deixam uma lacuna neste aspecto, pois o único caminho indicado para o ensino médio é *Aptidão física e Saúde*.

A Educação Física no ensino médio não pode ser reduzida a uma única esfera do conhecimento. Em um programa para esta etapa da escolarização existem outros saberes que devem ser preconizados. Os alunos ao terminarem a educação básica devem ter adquirido, ao longo dos anos, sólidos conhecimentos da cultura corporal. BETTI (1992) afirma que a Educação Física na escola deve ter:

... a função pedagógica de integrar e introduzir o aluno no mundo da sua cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (p.285).

Embora os PCNEM se refiram a outros conteúdos da Educação Física quando apresentam as competências que devem ser desenvolvidas no ensino médio, não traz em seu corpo textual nenhuma proposição para auxiliar os professores na elaboração e hierarquização de objetivos e conteúdos para melhorar a situação neste ramo da educação básica. Aliás, é sobre e para o professor que grande parte dos Parâmetros são dirigidos.

Há menção à prática pedagógica, à relação professor-escola e ao professor e às políticas públicas que serão explicitados e analisados, levando em consideração a falta de pesquisas sobre o tema, a seguir:

Prática pedagógica.

O professor deve repensar a sua prática pois, é a partir da mesma que serão iniciadas as mudanças no ensino médio, sendo que a ele é atribuída uma grande parcela na responsabilidade de recuperar o prestígio do seu componente curricular.

Sendo assim uma das principais metas a ser cumprida é trazer o aluno de volta às aulas. Um dos meios indicados para que isto ocorra é a participação efetiva do professor nas aulas, mostrar-se ao aluno que está presente. *“Observa-se nessa fase uma visível evasão dos alunos das aulas, fator indesejável para todos os profissionais envolvidos, salientando o empobrecimento do trabalho do professor...”* (BRASIL, 2002b, p.155). ZAIM DE MELO (1997) constatou que quando o professor participa ativamente⁴ das aulas, ele estimula os alunos a realizá-las.

O planejamento das aulas, atividades que serão desenvolvidas ao longo do curso, deve ser realizado juntamente com os alunos, garantindo assim um maior comprometimento dos alunos com a Educação Física.

⁴ Participar ativamente neste caso, significa estar presente nas aulas auxiliando constantemente os alunos na realização das tarefas e em algumas vezes realizá-las junto com eles. Para saber mais consultar ZAIM DE MELO (1997).

CORREIA (1996) realizou um trabalho nas aulas de Educação Física do 2º grau, em que procurou utilizar o planejamento participativo. O autor propôs a seus alunos uma série de temas da cultura corporal, sobre os quais os alunos podiam opinar e sugerir atividades dentro dos temas, escolhendo assim as atividades para o ano letivo, distribuindo-as nos bimestres.

Desta forma, todos aqueles envolvidos no processo, já teriam conhecimento do que estaria previsto para o ano letivo, e principalmente, tiveram a oportunidade de participar nas decisões do que fazer com a capacidade de se mover e com o seu corpo (CORREIA, 1996, p.46).

Depois de tomadas as decisões necessárias, os alunos começaram um trabalho de busca de recursos materiais e humanos para a realização das atividades e o professor selecionou materiais para subsidiar discussões sobre o tema.

O planejamento participativo, relatado por CORREIA (1996), tinha os seguintes objetivos: identificar os principais temas relacionados com a cultura corporal; vivenciar atividades relacionadas a esta mesma cultura, desenvolver uma visão crítica em relação às manifestações corporais e suas implicações e à qualidade de vida e favorecer o interesse, participação e senso crítico em relação às atividades motoras. Uma das principais vantagens deste processo foi a valorização do componente curricular por parte dos alunos e direção, e a satisfação dos alunos com relação à atividade física.

Neste planejamento deve existir espaço para a articulação com as outras disciplinas, buscar a interdisciplinaridade, saber ouvir e fazer-se ouvido. ...“O professor de Educação Física deve perceber-se como membro de uma equipe que está envolvida com um trabalho grandioso: educar o cidadão do próximo século” (BRASIL, 2002b, p.159).

O professor e a escola.

O professor de Educação Física deve opinar, participar ativamente do projeto pedagógico da Escola. ... “Deve buscar, a todo custo, uma integração com o trabalho pedagógico desenvolvido na escola, colocando o seu componente curricular no mesmo patamar de seriedade e compromisso com a formação do educando”. (BRASIL, 2002b, p.158).

O projeto político pedagógico é a concretização do processo de planejamento. Através de um documento, que deve ser elaborado por uma comissão de professores, detalham-se objetivos, diretrizes e ações que serão desenvolvidas na escola, expressando a síntese das exigências sociais e legais dos sistemas de ensino e os propósitos e expectativas da comunidade escolar (LIBÂNEO, 2001).

Para participar ou não na elaboração do projeto pedagógico da escola, o professor tem a obrigação de conhecer o funcionamento da instituição escolar e não estar alheio a ele. Além disso, deve fazer-se presente em todas as decisões da escola, desde reunião de pais, conselhos de classe, e, se possível, opinar em resoluções sobre o regimento escolar.

O professor e as políticas públicas.

O professor de Educação Física deve lutar pela melhoria das condições de trabalho, exigir mesmo condições de trabalho adequadas (espaço, materiais, etc.). Mas, não é só de espaço e materiais que sobrevivem a prática pedagógica do professor, ele deve reivindicar cursos e capacitações para que tenha condições de atualizar-se.

Ou seja, ele deve ter condições de realizar sua formação continuada – a busca de aperfeiçoamento constante é uma das principais metas que o professor deve cumprir. PERRENOUD (2000) nos aponta a formação continuada como uma das competências necessárias para ensinar.

... o exercício e o treino poderiam bastar para manter as competências essenciais se a escola fosse estável. Ora, exerce-se o ofício em contextos inéditos, diante de públicos que mudam, em referência a programas repensados, supostamente baseados em novos conhecimentos, até mesmo em novas abordagens e novos paradigmas. Daí a necessidade de uma formação continuada... (p.155-6)

As atitudes que os professores devem ter, relatadas no documento, não são novidade, na verdade são velhas conhecidas da classe docente e em nenhum momento a mesma se negou a realizá-las. Que professor de Educação Física do ensino médio não gostaria da participação maciça dos alunos em suas aulas? Ou que o seu componente curricular fosse tão ou mais valorizado quanto à Matemática? Que nas reuniões de pais a sua fala fosse tão aguardada quanto à da professora de

Língua Portuguesa? E a necessidade de conhecer e participar do projeto pedagógico não é só dos professores de Educação Física e sim, de todo o corpo docente.

Sendo assim, os Parâmetros Curriculares não apresentam nenhuma novidade, antes trazem em seu corpo textual uma série de atitudes que o professor deve ter, mas são superficiais ao indicarem caminhos para que estas atitudes aconteçam. Deste modo, ousou dizer que o documento “chove no molhado” e, se o mesmo se propunha a auxiliar o professor a transformar esta etapa da escolarização, este objetivo não foi alcançado.

Encerrando o documento, são apresentadas as competências e habilidades a serem desenvolvidas no Ensino Médio (BRASIL, 2002b, p.167):

- *Compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recurso para melhoria de suas aptidões físicas.*
- *Desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas práticas corporais.*
- *Refletir sobre as informações específicas da cultura corporal, sendo capaz de discerni-las e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde.*
- *Assumir uma postura ativa, na prática das atividades físicas, e consciente da importância delas na vida do cidadão.*
- *Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão.*
- *Participar de atividades em grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs.*
- *Reconhecer na convivência e nas práticas pacíficas, maneiras eficazes de crescimento coletivo, dialogando, refletindo e adotando uma postura democrática sobre os diferentes pontos de vista postos em debate.*
- *Interessar-se pelo surgimento das múltiplas variações da atividade física, enquanto objeto de pesquisa, área de grande interesse social e mercado de trabalho promissor.*
- *Demonstrar autonomia na elaboração de atividades corporais, assim como capacidade para discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal.*

Os conteúdos para que estas competências sejam desenvolvidas são: esportes, jogos, lutas, atividades rítmicas e dança, ginástica e conceitos da fisiologia do exercício e treinamento físico. E são estes conteúdos as ferramentas de trabalho do professor no ensino médio.

As transformações ocorridas com o ensino médio sempre estiveram entrelaçadas com motivos econômicos: a necessidade de mão-de-obra e a manutenção da classe dominante. Estes foram alguns dos fatores que influenciaram diretamente nas reformas ocorridas ao longo dos anos nesta etapa da escolarização.

Independente das reformulações ocorridas no ensino médio, sempre houve uma certeza: o público ao qual ele é destinado – os adolescentes, que juntamente com adolescência, são o assunto a ser tratado a seguir.

3.2 Um turbilhão de emoções

*Meu mundo interno já nem se fala mais
Ele berra, espermeia e urra.
Tem um bicho que briga na minha barriga.
Não me deixa dormir e me diz coisas
Que eu não quero ouvir...
(Maria Mariana)*

A adolescência é assim, o mundo torna-se diferente, o que ontem parecia a coisa mais simples do mundo torna-se a mais complicada; a emoção é a tônica do dia-a-dia. Tudo é e deve ser vivido intensamente. O que leva o ser humano a agir desta forma? Que “bicho” é esse que chamamos de adolescência?

A adolescência é considerada uma fase de transição entre a infância e a maturidade. A palavra ADOLESCÊNCIA deriva de *ADOLESCERE*, que significa crescer. Como afirma o próprio significado da palavra, a adolescência é uma fase de crescimento, não só físico mas o crescimento do ser humano como um todo.

KAPLAN⁵ citado por FERREIRA (1995) considera:

“A adolescência como elemento unificador da vida, pois une a infância à vida adulta. É neste período que passado, presente e futuro são elaborados com os fios da fantasia”. (p.129)

Muitos estudos sobre a adolescência e o adolescente (ECKERT, 1993; SÃO PAULO, 1994, TIBA, 1986; ZAGURY, 1996) concordam com o seu início: a puberdade. Mas, não existe uma definição exata da idade cronológica em que isto ocorre, podendo ser entre dez e treze anos, acontecendo mais cedo nas meninas do que nos meninos. A duração da adolescência não é uma variável prevista *a priori*, podendo se estender até os 24-25 anos, dependendo do indivíduo e do contexto sócio-cultural no qual o jovem está inserido.

A sociedade convencionou que o adulto é o que se mantém socioeconomicamente, sem depender dos pais ou responsáveis. Esta convenção não tem referências cronológicas, portanto não depende especificamente da idade e sim de suas aspirações e do meio ambiente em que vive (TIBA, 1986, p.37).

Segundo PIKUNAS (1979) é na puberdade que se inicia o surto de crescimento físico, definido como estirão de crescimento, a maturação sexual e o desenvolvimento das características sexuais secundárias.

Ainda segundo o autor, durante esta fase geralmente ocorre o estirão de crescimento que resultará em ganhos marcantes de peso e altura, mas este não acontece de forma harmoniosa e simultânea: o crescimento inicia-se das extremidades para o centro, ocorrendo um alongamento de membros superiores, inferiores, pescoço e depois tronco. Em pouco tempo a força física duplicará. Após o estirão do crescimento o jovem só crescerá aproximadamente sete centímetros, variando de ambiente para ambiente. O estirão do crescimento não chega a ser um problema, mas necessita de atenção pois o esquema corporal⁶ do adolescente será modificado, suas sensações cinestésicas e sua aparência física não coincidem com seu esquema corporal. Segundo TIBA (1986):

Se o púbere quiser repetir um movimento infantil, seu movimento atual será diferente pois, agora terá de reesquematizar seu corpo, que para ele próprio é disforme... o púbere toma-se estabado (p.45).

⁵ L. KAPLAN, *Adolescência, el adiós a la infancia*. Buenos Aires: Paidós, 1986.

⁶“Esquema corporal é a representação mental do corpo” (TIBA, 1986, p.44)

Neste período observamos a maturação sexual. Entende-se por maturação sexual a capacidade de poder gerar um filho, reproduzir. O processo inteiro de maturação sexual dura aproximadamente três anos, variando de pessoa a pessoa. Nas meninas a maturação é um fenômeno abrupto que exige reajustes sociais e emocionais imediatos, já para os meninos o processo é menos brusco.

Para o jovem tornar-se maduro sexualmente é necessário o desenvolvimento das características sexuais secundárias. Nas mulheres este desenvolvimento se caracteriza quando ocorre a primeira menstruação ou menarca, aparecem os seios, os pêlos pubianos e axilares, a cintura se afina e o quadril arredonda-se. Já nos garotos ocorre o crescimento dos testículos e bolsa escrotal, aparecem os primeiros fios de barba, pêlos axilares e pubianos, os ombros se alargam e ocorre a primeira ejaculação. Paulatinamente a voz vai engrossando, chegando a baixar uma oitava (PIKUNAS, 1979). As mudanças causadas pela puberdade não são apenas no plano físico, o jovem também passa por mudanças cognitivas, psicossociais e afetivas.

OSÓRIO⁷ citado por FERREIRA (1995), considera adolescentes aqueles cuja preocupação com a sobrevivência é secundária.

A adolescência é um privilégio das classes mais abastadas, um luxo não permitido àqueles que estão empenhados na encarnecida luta pela subsistência', pois estes apenas experimentam a puberdade, enquanto inevitável processo de transformações corporais, mas não vivenciam a adolescência do ponto de vista psicológico (p.148).

Na cultura ocidental observamos a adolescência como fenômeno social, sua duração varia de uma cultura para outra, podendo ser breve ou longa, dependendo das expectativas da sociedade (FAW, 1981; SÃO PAULO, 1994).

No nível cognitivo o adolescente tem um crescimento qualitativo do pensamento, entrando no período de desenvolvimento cognitivo que PIAGET⁸ citado por FERREIRA (1995) chamou de pensamento operatório formal. O jovem passa a ter o raciocínio hipotético dedutivo, que lhe permite compreender conceitos abstratos, fazer suposições, abstrações e generalizações mais rápidas que antigamente. Inicia-se então a fase da independência intelectual, questiona-se tudo, o adolescente passa

⁷ L.C. OSÓRIO, **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

⁸ J.PIAGET, **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

a se interessar por assuntos que até agora ele não se interessava tais como política, economia, negócios internacionais e outros.

O adolescente começa a buscar a sua independência e, para mantê-la, passa a se opor à dominação externa (pais, professores, sociedade). É nesta época que o jovem tem que definir o seu futuro profissional, definir uma carreira, prestar vestibular, entrar para uma faculdade. Escolher não é uma tarefa muito fácil, visto que o indivíduo não escolhe apenas uma carreira e sim, um sentido para a vida (FERREIRA, 1995).

Todas essas mudanças fazem com que o jovem comece a se desligar da família, deslocando o afeto para fora da mesma. Os amigos passam a ter grande importância, inicia-se a fase de namoros e a procura pelos grupos. O adolescente ainda depende da sua casa, mas é fora dela que realizará grandes e importantes descobertas. ERIKSON⁹ citado por FERREIRA (1995) afirma que o grupo de amigos ajuda o indivíduo a encontrar a própria identidade em um contexto social. O adolescente necessita de um confidente com quem possa falar a respeito das experiências que teve.

A aparência física passa a receber uma atenção especial, que até agora não lhe era dada. O jovem começa a se preocupar com o próprio corpo. Os meninos ficam fascinados pelos aspectos sexuais da aparência e do comportamento das meninas, que por sua vez procuram atrair os meninos. Inicia-se a fase da imitação, todos se vestem iguais, falam as mesmas gírias; enfim, tudo é válido para ser aceito pelo grupo. A turma passa a ter papel fundamental na sua vida.

Na turma, ele se sente entre as pessoas que estão no mesmo momento existencial. Na sua casa, o adolescente é original nos gestos, na linguagem, nas roupas; na turma, os adolescentes são uniformemente originais. Falam e fazem coisas comuns a eles, portanto, conhecem os outros, deixam-se conhecer e se reconhecem pelas roupas, palavras e atos (TIBA, 1986, p.58).

Independente do sexo, o adolescente experimenta muitos obstáculos para descobrir seu lugar na sociedade de pares e cultura (PIKUNAS, 1979).

Segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) o número de adolescentes de 15 a 19 anos no Brasil é aproximadamente de 16,9

⁹ E. ERIKSON, *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

milhões de indivíduos. “Estamos vivendo o pico de uma onda de jovens adolescentes” (MADEIRA & RODRIGUES, 2000, p.49). Jovens estes que, através de seus comportamentos, valores, práticas, seguramente influenciarão a sociedade, a economia, o relacionamento entre as gerações e o desenvolvimento tecnológico. Grande parte destes jovens estão, ou deveriam estar, cursando o ensino médio tendo aulas de língua portuguesa, matemática, física, química, história, geografia, educação física e outras matérias.

Segundo o INEP (2002), há aproximadamente 8,7 milhões de matrículas no ensino médio, sendo que 6,2 milhões destes alunos possuem idade entre 15 e 19 anos. Este número é baixo se comparado ao número de adolescentes que há no Brasil. Uma das principais causas para esta defasagem que se pode apontar é a necessidade do jovem trabalhar para auxiliar financeiramente a sua família.

Quanto aos jovens que se encontram na escola, aproximadamente 49% deles estão matriculados no período noturno, sem acesso à Educação Física, visto que como foi dito anteriormente, ela é facultativa a este período, e a mesma quase não ocorre, talvez por desconhecimento do próprio aluno em saber que se é facultativa, depende dele ou não querer esta disciplina na matriz curricular, mas ele não é chamado a opinar. Quase todos os alunos do ensino noturno são trabalhadores durante o dia e para estes alunos a Educação Física não traz nenhum problema, ao contrário como afirma DAÓLIO (1986) só traz benefícios.

3.3 O calcanhar-de-Aquiles

A Educação Física no ensino médio tem sido, ao longo dos anos, o “calcanhar-de-Aquiles” dos professores. Turmas heterogêneas, desmotivadas à prática de atividades físicas, concorrência com o vestibular, clubes e academias são uma constante nesta fase do ensino básico, gerando conseqüências negativas para a mesma. Em pesquisa publicada no jornal *Folha de São Paulo*, alunos da rede particular apontam a Educação Física em último lugar na preferência dos jovens, em duas categorias da pesquisa, quando a eles foi perguntado qual disciplina que mais

lhes agradava, 9% dos entrevistados citaram a Educação Física e qual disciplina era mais importante, apenas 1% dos entrevistados a citaram (ROSSETTI, 1996).

Uma das principais causas para este descaso por parte dos alunos é a concorrência com o vestibular, muitas escolas deixam de oferecer aulas nesta etapa para favorecer outras matérias que caem no vestibular. Outra causa que se pode apontar é a falta de preparo dos professores para trabalharem nesta etapa da educação e trabalhos inadequados feitos ao longo do ensino fundamental (COSTA, 1997; POSSEBON & CANDURO, 2001).

Também sobre o descaso dos alunos POSSEBON e CANDURO (2001) destacam:

Este comportamento é, em parte, consequência da atuação dos professores, que trazem em sua herança cultural, uma formação marcada por um paradigma positivista, que privilegia as questões técnicas e objetivas, desconsiderando as questões intersubjetivas da classe, resultando em falta de gosto e prazer pelas aulas de Educação Física escolar. Cabe também salientar que ainda não conseguiu explicitar a importância deste componente curricular, uma vez que não há a elaboração e hierarquização de seus objetivos, assim como determinar esses objetivos e sua relação clara com os objetivos da escolarização (p.131).

As décadas de 80 e 90 foram férteis no campo das discussões científicas para a Educação Física brasileira. Ocorreram intensos debates, inúmeras publicações de livros e criação de periódicos (FERRAZ, 2000), influenciando todos os ramos da Educação Física, principalmente a escolar. Surgiram várias abordagens buscando romper o modelo mecanicista e militarista que vigorava até então. Abordagens psicomotricista, humanista, desenvolvimentista, construtivista-interacionista entre tantas outras traziam inovações inspiradas em teorias da psicologia, sociologia e antropologia. Embora tenha acontecido este “boom” de abordagens científicas, a maioria delas era direcionada à educação infantil e ao ensino fundamental.

Em 1997 a Escola de Educação Física da USP (EEFE-USP) realizou o IV Seminário de Educação Física escolar cujo tema principal foi Educação Física no Ensino Médio. Foram apresentados 39 temas livres, dentre os quais apenas 11 (28,2%) se referiam a esta etapa da escolarização básica.

CORREIA (1999), em sua dissertação de mestrado, buscou identificar quais eram os conhecimentos preconizados em Educação Física para o ensino médio. Para atingir este objetivo verificou nas bibliografias básicas dos dois últimos concursos para professor no estado de São Paulo quais obras tinham metodologias propositivas e sistematizadas (configurações curriculares onde a seleção, organização e sistematização de conhecimentos estivessem explicitados de forma clara e concisa). Encontrou somente duas obras que atingiram esse propósito: a obra Metodologia do Ensino da Educação Física (SOARES, TAFFAREL, VARJAL, CASTELLANI, ESCOBAR & BRACHT 1992) e a proposta curricular para o ensino de Educação Física de 2º grau (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas de São Paulo, 1994), esta última que regeu o ensino de Educação Física no estado de São Paulo, na última década.

A proposta curricular da CENP, SÃO PAULO (1994), foi elaborada para subsidiar a necessidade de profissionais que trabalhavam com o ensino médio e propunha uma Educação Física baseada na abordagem construtivista-interacionista, onde o professor deveria oferecer ao aluno atividades de complexidade progressiva, constantes desafios que iriam provocar desequilíbrios, que precisariam ser resolvidos. Quando o aluno sentisse necessidade de voltar ao equilíbrio aconteceria a construção do pensamento. Embora a proposta tenha sido criada com o intuito de auxiliar professores e ter vigorado no ensino a partir do final da década de 80, esta nunca saiu de sua versão preliminar, perdendo forças com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1999, que passaram a “orientar” a Educação Física nacional.

E, como se não bastassem todos estes problemas relatados, há poucos estudos direcionados ao ensino médio. Diversos autores (CELANTE, 2000; CORREIA, 1999; FERREIRA, 2000; OLIVEIRA, 1999; RANGEL-BETTI, 1998; SCHONARDIE FILHO, 2001; ZAIM DE MELO, 1997, 2002) ao pesquisarem a Educação Física no ensino médio afirmaram não encontrar muitos referenciais teóricos para a realização da mesma. Apesar destas poucas pesquisas com o ensino médio, apresento agora alguns estudos importantes que foram desenvolvidos nos últimos cinco anos.

DARIDO, GALVÃO, FERREIRA e FIORIN (1999) apresentam um estudo sobre algumas questões frequentes na fala de professores do ensino médio. São elas: o horário da disciplina, dispensas das aulas e dificuldades dos professores. A pesquisa foi realizada com 30 professores do interior de São Paulo e demonstra que os mesmos são favoráveis ao novo horário (o mesmo das demais) pois, facilita, democratiza o acesso às aulas, diminuindo assim o número de dispensas. Os professores apresentaram como maiores dificuldades a falta de interesse dos alunos pelas aulas, bem como a falta de habilidades motoras básicas.

OLIVEIRA (1999), CELANTE (2000), FERREIRA (2000), SCHONARDIE FILHO (2001) e ZAIM DE MELO (2002) realizaram propostas de intervenções pedagógicas, buscando alternativas para as aulas no ensino médio, aulas que rompessem a barreira do esporte, que fossem mais motivantes para os alunos e que os aproximassem novamente da “quadra” (sala de aula do professor de Educação Física).

OLIVEIRA (1999) desenvolveu um programa de Educação Física no ensino médio, no período noturno, na cidade de Maringá. Utilizou-se da proposta metodológica de Ensino Aberto¹⁰ da Educação Física na qual planejou as aulas juntamente com os alunos, trabalhando com aulas teóricas e práticas, tendo como conteúdos: ginástica e condicionamento físico (objetivando a autonomia dos alunos), lazer e esportes (com aulas práticas e teóricas abrangendo táticas e organizações desportivas). No final do programa aproximadamente 90% da turma tinha aderido às aulas, mostrando ser viável desenvolver a Educação Física no ensino noturno, sendo desenvolvida a partir de ações participativas (trabalho em conjunto – professor/alunos).

Seguindo a mesma perspectiva (intervenção pedagógica) CELANTE (2000), utilizando os pressupostos da cultura corporal¹¹, realizou uma proposta de Educação Física idealizada a partir de um planejamento participativo, na qual os alunos

¹⁰ Metodologia do ensino aberto: teoria que tem como referencial a teoria sociológica do interacionismo simbólico e como objetivo trabalhar o mundo do movimento em sua amplitude e complexidade com a intenção de proporcionar aos participantes autonomia para as capacidades de ação (HILDEBRANDT, 1986).

¹¹ Entende-se por cultura corporal um conjunto de valores relativos ao corpo e ao movimento que envolve ética desportiva, ocupações de práticas de lazer, expressão corporal, conhecimento científico, produção da mídia, equipamentos e outros (RESENDE & SOARES, 1996).

(juntamente com o professor) optaram por blocos de conteúdos da cultura corporal. Os conteúdos eleitos foram dança de salão, atividades aquáticas, modalidades esportivas coletivas, artes marciais e ginástica. Ao término do ano letivo os alunos avaliaram a proposta demonstrando grande interesse em continuar com a mesma no ano seguinte, justificando que desta forma a Educação Física escolar ganhara outro significado.

Outra proposta de intervenção para o ensino médio foi desenvolvida por FERREIRA (2000), utilizando as chamadas práticas corporais alternativas em suas aulas. A autora demonstrou ser possível o trabalho com conteúdos não tradicionais na Educação Física brasileira.

ZAIM DE MELO (2002) utilizando-se de um programa de jogos e brincadeiras demonstrou a necessidade dos alunos por aulas diferenciadas que rompessem a mesmice das aulas de Educação Física e que conteúdos como a dança, as lutas, as ginásticas são reivindicados pelos educandos.

Mesmo sendo a Educação Física uma prática social onde impera a tradição, professores e alunos na grande maioria acreditam em que suas funções sejam transmitir e realizar respectivamente a prática de exercícios e esportes, tendo como principal justificativa a busca pela saúde – entendendo-se aqui como corpo sem doenças. As propostas analisadas demonstram ser possível trabalhar de outra forma, rompendo com a tradição, embora se saiba que romper com a mesma é dizer “não” a algo culturalmente disseminado, e revelando que os alunos estão abertos a novos conteúdos. Com conhecimentos teóricos, planejamentos adequados e o propósito de desmitificar uma prática condenada a segundo plano por muitos, o “monstro” (ensino médio) não é como pintam...

4 METODOLOGIA - EM BUSCA DE UM NORTE

Durante a elaboração deste projeto de pesquisa, em alguns momentos foi necessário que eu fizesse opções: natureza da pesquisa, fontes, tipo de análise dos dados. Sendo assim, a metodologia que subsidiou este estudo é de natureza qualitativa, escolheu-se este tipo de pesquisa porque, segundo CHIZZOTI (1995):

Os pesquisadores que adotaram essa orientação se subtraíram à verificação das regularidades para se dedicarem à análise dos significados que os indivíduos dão às suas ações, no meio ecológico em que se constroem suas vidas e suas relações, à compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais ou então dos vínculos indissociáveis das ações particulares com o contexto social em que estas se dão (p.78).

4.1 Instrumento para coleta de dados

O instrumento para a coleta de dados foi entrevista estruturada realizada com professores de ensino médio. Optou-se pela utilização de entrevista, pois segundo MINAYO (1998) *“através da entrevista, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais... pode-se obter dados objetivos e subjetivos”*. (p.57)

A obtenção destes dados me permitiu obter uma melhor visão da realidade encontrada, e, ao mesmo tempo, pude trabalhar com o particular, o que é individual a cada participante, e com o todo, o que é comum a todos.

Juntamente com a revisão de literatura foi sendo elaborado um roteiro de entrevista piloto que foi aplicado a dois professores de ensino médio. Os dados obtidos foram analisados para que se fizessem correções, aperfeiçoando-se, obtendo assim, o roteiro de entrevista definitivo. O roteiro se encontra na íntegra no ANEXO I. Terminada esta etapa (elaboração do roteiro definitivo) realizaram-se entrevistas com oito professores de Educação Física de ensino médio da rede pública de Jundiaí-SP. Os dados encontram-se descritos no ANEXO III.

A execução de um estudo piloto para esta pesquisa foi muito importante; pois, através do mesmo, foi possível verificar se o roteiro de entrevista serviria a contento às finalidades desta pesquisa, e o mesmo permitiu que se repensasse a metodologia que seria utilizada para a análise dos dados.

4.2 Participantes

Novamente foi necessário que se fizessem opções: delimitação do campo da pesquisa, número de participantes, entre outras. Optei por realizar esta pesquisa na cidade de Jundiaí, pois a mesma é de porte médio, possui 14 escolas estaduais que oferecem aulas para o ensino médio no período matutino, dando-me as condições para a realização do estudo. A opção pelo período matutino deu-se pelo fato deste turno me garantir a existência de aulas de Educação Física no ensino médio. Sabe-se que no período noturno a Educação Física é facultativa. A escolha pelo ensino público foi por acreditar que é neste ramo de ensino que se encontram as maiores carências para melhorias da educação.

Participaram desta pesquisa oito professores que ministram aula para o ensino médio, em sete escolas públicas, que possuem ensino médio no período matutino, na cidade de Jundiaí, SP.

4.3 Procedimentos para coleta de dados

O contato inicial se deu pela Diretoria Regional de Ensino de Jundiaí, pertencente à Coordenadoria de Ensino do Interior onde foram obtidas as informações necessárias, ou seja, número de escolas e respectivos endereços. De posse destas informações as diretoras das escolas escolhidas foram procuradas e explicou-se o tema da pesquisa e a necessidade de realizar a mesma na sua escola. (para esta etapa utilizou-se uma carta de apresentação, ANEXO II).

A partir da aceitação da diretora, procedeu-se o contato inicial com os professores para marcar as entrevistas. Com as entrevistas marcadas iniciou-se a coleta de dados. As entrevistas foram realizadas com um mini-gravador nas dependências das escolas, durante o período das aulas.

4.4 Procedimentos para análise dos dados

Os dados obtidos foram analisados por meio do método de Análise de Conteúdo, utilizando como referencial teórico os estudos de TRIVIÑOS (1987). O objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações ocultas ou explícitas.

Segundo TRIVIÑOS (1987), o método de análise de conteúdo deve seguir três etapas básicas: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. A pré-análise é a 1ª etapa em que se organiza o material, buscando o recolhimento de dados e a estruturação das informações para análise posterior. A 2ª etapa – descrição analítica – visa a aprofundar o estudo, selecionar as partes essenciais e relevantes para a investigação, buscando-se sínteses coincidentes e divergentes de idéias, que não estão especificamente unidas a uma teoria. A interpretação inferencial – 3ª etapa – é caracterizada por reflexões do pesquisador, visando a contemplar as questões norteadoras do estudo.

Os conteúdos manifestos em cada entrevista foram organizados na forma de quadros gerais coletivos para que fosse possível o cruzamento das idéias dos professores dentro de um mesmo tema. Desta forma buscaram-se relações que permitissem o entendimento do universo coletivo pesquisado. E, além disso, para facilitar a síntese dos elementos apreendidos elaborei indicadores.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados serão apresentados e analisados em três grandes blocos: o professor; prática pedagógica; e dificuldades e necessidades para se trabalhar com o ensino médio. Esta organização objetiva atender às questões¹² norteadoras do estudo.

¹² - Verificar se as mudanças propostas na reforma do ensino médio propiciaram alterações na ação pedagógica do professor de Educação Física; conhecer quem é o professor que está atuando no

5.1. O professor

Quem é o professor de Educação Física que trabalha com o ensino médio na cidade de Jundiáí?

Para alcançar este objetivo, conhecer o professor que atua em Jundiáí, foi necessário saber: primeiramente a formação inicial deste professor; onde o mesmo realizou a sua graduação; o ano de formação; se a sua formação o auxilia no trabalho com o ensino médio; se o mesmo faz formação continuada; e se atua somente na área escolar; ou não.

Idade

TABELA 1 – Média etária dos professores.

P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	Média
37	37	42	47	38	42	29	33	38,125

O professor de Educação Física, sujeito deste estudo, que atua no ensino médio na cidade de Jundiáí tem em média 38 anos, sendo que o mais velho encontra-se com 47 anos e o mais novo com 29.

Formação Acadêmica

QUADRO 1 – Formação acadêmica, ano e instituição de formação.

ENTREVISTADO	FORMAÇÃO
P1	- Educação Física – ESEF – Jundiaí 1987
P2	- Educação Física - ESEF – Jundiaí 1985 - Pedagogia – Faculdade Anchieta – Jundiaí
P3	- Educação Física – ESEF – Jundiaí 1979
P4	- Educação Física – PUCCAMP – 1977
P5	- Educação Física – ESEF – Jundiaí 1988
P6	- Educação Física – ESEF – Jundiaí 1981
P7	- Educação Física – ESEF – Jundiaí 1993
P8	- Educação Física – ESEF – Jundiaí 1994

Organização dos indicadores

TABELA 2 – Formação superior.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Educação Física	X	X	X	X	X	X	X	X	8
Pedagogia		X							1

Quanto à sua formação acadêmica, a maioria fez graduação na Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, com exceção do professor 4, que graduou-se na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. O único professor que possui outra formação acadêmica é o P2, que fez graduação em Pedagogia.

É possível colocá-los em três grupos, formados na década de 70 (2), formados na década de 80 (4) e formados na década de 90 (2). Apesar da disparidade quanto ao ano de formação, o que poderia indicar perspectivas de cursos diferenciados, os professores tiveram formação sobre a égide do modelo

curricular tradicional esportivo¹³. Mesmo o professor 7 que terminou sua graduação no ano de 1993, quando seu curso de graduação passou de 03 para 04 anos, podendo ter uma formação mais diferenciada, afirma ter encontrado problemas, pois a faculdade não estava adaptada a esta mudança curricular.

...foi o ano que nós começamos com quatro anos em Educação Física, aumentou a nossa média escolar para 8,0 (oito), absurdíssima, o primeiro ano para mim foi muito tumultuado, foi briga com o MEC, com a faculdade, com os professores... (Professor 7).

Para que aconteçam mudanças em um curso superior, é preciso que seja enviado um projeto para o Ministério da Educação, o mesmo deve ser autorizado e o modelo curricular precisa ser publicado no Diário Oficial da União. Uma vez que as mudanças foram autorizadas, para revertê-las é preciso repetir o processo (projeto, autorização, publicação).

Aumentar a média final da escola ou de um curso superior é uma das lendas que acompanham a educação, acredita-se que aumentando a média, melhora-se a qualidade do ensino, e isto é o melhor para os alunos. Mas para melhorar a qualidade, só elevar a média é pouco. É preciso aprimorar a instituição como um todo: docentes; apoio didático; biblioteca; instalações materiais; e outros itens subjacentes ao processo ensino-aprendizagem.

Segundo TANI (1996):

A preparação profissional depende também do nível de maturidade acadêmica da área, ou seja dos conhecimentos disponíveis para serem transmitidos a futuro profissionais, além da qualidade do corpo docente que tem a responsabilidade de difundi-los. (p.2)

¹³ “O currículo tradicional-esportivo enfatiza as chamadas disciplinas ‘práticas’ (especialmente esportivas). O conceito de prática está baseado na execução e demonstração de habilidades técnicas e capacidades físicas... Há separação entre teoria e prática. Teoria é o conteúdo apresentado na sala de aula e prática é a atividade desenvolvida na piscina, quadra e pista... (BETTI & BETTI, 1996, p.10)

Disciplinas mais importantes na Graduação

QUADRO 2 – Disciplinas mais importantes na formação acadêmica.

ENTREVISTADO	DISCIPLINAS MAIS IMPORTANTES
P1	- Tem sempre aquele esporte que a gente gosta mais. - Eu gostava muito de vôlei, a natação foi marcante para mim.
P2	- Eu gostei muito de anatomia, fisiologia. - Nas aulas práticas eu me identifiquei com todas.
P3	- Anatomia e fisiologia foram as mais importantes.
P4	- Fisiologia, anatomia, as matérias práticas.
P5	- Fisiologia. - Eu me transferi para a área de treinamento.
P6	- Na parte prática foram os esportes. - Cinesiologia, anatomia, fisiologia, didática, psicologia.
P7	- Eu acho que basquete, handebol, cinesiologia, educação do movimento ¹⁴ , natação para mim as mais importantes.
P8	- Voleibol - Educação do movimento.

Organização dos indicadores

TABELA 3 – Disciplinas mais importantes.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Práticas desportivas	X	X		X		X	X	X	6
Anato-fisiológicas		X	X	X	X	X	X		6
Pedagógicas						X			1

O modelo curricular tradicional-esportivo fica mais evidente quando aos professores foi perguntado: quais foram as disciplinas mais importantes na sua graduação.

As disciplinas de ordem prática, que trabalham seqüências pedagógicas e as disciplinas de origem anátomo-fisiológica, que auxiliam na construção do imaginário do corpo biológico e saudável, foram consideradas as mais importantes,

deixando claro o tipo de formação que este professor teve. Com exceção do professor 7 que coloca a didática como uma das disciplinas mais importantes da sua formação.

Os cursos de formação profissional, ao darem muita ênfase às disciplinas práticas, tendem a reforçar uma imagem, historicamente construída, que a sociedade possui do profissional de Educação Física: um mero executor de atividades físicas (TANI, 1996), para ser um bom profissional, é preciso saber fazer com precisão.

Neste momento eu não quero negar o valor das ditas práticas, pelo contrário, as mesmas devem estar presentes nos cursos de Educação Física, desde que não tenham um fim em si mesma e sirvam de laboratórios onde os futuros professores sejam levados a refletir sobre o que estão fazendo.

Para OKUMA (1996) a graduação, através das vivências práticas “ é responsável em despertar nos alunos reflexões sobre aspectos pessoais seus, que interferirão na ação profissional, particularmente se relacionar com pessoas” (p.31)

Mas como os dados indicam na prática isto não ocorre, e, este tipo de formação curricular em que as “práticas” possuem fim nelas mesmas e o aluno não é mais que um executor, acaba se tornando umas das barreiras que o professor de Educação Física precisa transpor. Como romper a barreira do “pé-bola”, “mão-bola” se na sua faculdade o que ele mais aprendeu foram seqüências pedagógicas? Não que as seqüências pedagógicas não sejam importantes, mas elas possuem limitações. Segundo (TANI, 1996):

... os docentes visualizam ou imaginam a figura de um aluno modelo cujas características se adequam perfeitamente às especificidades da seqüência (...) é improvável encontrar-se numa situação real de trabalho, alunos com características semelhantes ao aluno modelo para que a eficácia da aplicação dessas seqüências seja assegurada. As diferenças individuais são a regra e não exceção, como é de conhecimento de todos os profissionais que atuam numa situação de ensino-aprendizagem. (p.13)

O professor, ao sair da faculdade, precisa estar preparado para enfrentar qualquer situação e não somente trabalhar com alunos “modelos”.

¹⁴ Educação do Movimento é uma disciplina teórico-prática que trabalha nomenclatura e vivências gímnicas.

Formação acadêmica e ensino médio

Um curso de licenciatura tem a incumbência de formar o profissional apto para atuar em todos os ramos da educação básica. O futuro professor deve ter recebido ao longo de quatro anos de curso superior informações que o capacite ao trabalho na escola, desde a educação infantil até o ensino médio.

Quando questionados sobre as contribuições da sua formação acadêmica para se trabalhar com o ensino médio, fica evidente na fala dos professores o distanciamento existente entre a formação inicial e as exigências e necessidades para a atuação no ensino médio.

QUADRO 3 – Formação acadêmica e ensino médio.

ENTREVISTADO	FORMAÇÃO ACADÊMICA E ENSINO MÉDIO
P1	- Parte teórica de regras. - O ensino médio é uma nova escola.
P2	- A didática de como conversar com o adolescente.
P3	- Nada. O que a gente faz hoje são experiências adquiridas com o tempo.
P4	- Nada. A graduação não te dá experiência.
P5	- A recreação te ajuda a lidar com a molecada.
P6	- Esquema tático dos esportes.
P7	- Eu trabalho muito percepção do espaço
P8	- Atividades voltadas para o esporte

Organização dos indicadores

TABELA 4 – Contribuição da formação acadêmica para o trabalho com o ensino médio.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Vivências práticas					X	X	X	X	4
Conteúdos teóricos	X					X			2
Informações sobre a realidade		X							1
Nenhuma contribuição			X	X					2

Os dados nos apontam que na prática a ligação escola-faculdade, que deveria existir, não acontece.

A graduação deixou um pouco a desejar, no início você aplica muito aquilo que aprende (...) depois com a vivência, com o tempo, com a experiência que a gente vai adquirindo ao longo dos anos, você vai se adaptando à realidade (...) as vezes a gente pega grupos que não têm interesse nenhum em praticar nada, então você tem que achar um jeito que eles tenham este interesse e isto você vai aprendendo com a experiência e graduação não te dá isto. (professor 4)

Depois com as aulas é que veio realmente a aprendizagem que a gente aprendeu muita coisa, que é a metodologia, que é a didática principalmente no ensino médio. Porque se você trabalha de 5ª a 8ª, você tem mais facilidade em aplicar do que no ensino médio, tudo o que você aprendeu na faculdade. O ensino médio para mim foi assim uma nova escola. (Professor 1)

Trabalhar com a Educação Física escolar não é uma tarefa muito fácil, requer disposição, força de vontade, “jogo de cintura”. A situação se complica um pouco quando falamos em ensino médio, somente quem já trabalhou com esta etapa da escolarização sabe o que é: lidar com turmas heterogêneas, no que concerne a desenvolvimento físico e motor; turmas desmotivadas à prática de atividades físicas; baixo status da disciplina perante a comunidade escolar.

A formação universitária pouco tem contribuído para auxiliar o professor no trabalho com a realidade acima relatada, ainda vivemos sob a égide do paradigma “processo-produto”, na qual os cursos de formação ainda persistem em transmitir técnicas eficientes para que os professores possam executar um bom trabalho. Esta na hora de mudarmos: os cursos de graduação não devem fornecer “receita de bolos”, práticas sem reflexão, devem auxiliar o professor na construção de sua *práxis*. Uma das maneiras de se possibilitar esta mudança é a utilização de estratégias que possam auxiliar melhor o professor recém formado, pois o mesmo não detém a experiência necessária, citada pelos professores, para a labuta com o adolescente e o ensino médio.

Hoje, quando falamos em cursos de formação de professores, urge a necessidade de uma aproximação entre a universidade e a escola, criar, entre as mesmas, uma via de “mão dupla”; e a melhor forma para que isto ocorra é a realização de parcerias.

Através de uma parceria escola/universidade todos saem ganhando: a escola porque se aproxima dos novos saberes teóricos, científicos e tecnológicos que a academia vem produzindo; e a universidade porque pode oferecer aos seus alunos uma ampla visão da realidade. Os futuros professores devem constantemente estar em contato com o meio escolar, não só nas disciplinas de prática de ensino, para que assim obtenham dados reais sobre o que vão encontrar ao terminarem sua graduação, desta forma os acadêmicos interagem com a comunidade. Via parceria isto se torna possível.

Formação Continuada

Corroborando com um mundo globalizado, onde informações transitam livremente via Internet, TV a cabo e outros meios de comunicação, os Parâmetros Curriculares centram as possibilidades de mudança, de uma revalorização do componente curricular Educação Física no ensino médio, na ação do professor, que deve estar sempre se atualizando.

Segundo LIBÂNEO (2001) uma das formas de manter-se atualizado é via formação continuada.

... a formação continuada consiste de ações de formação dentro da jornada de trabalho (ajuda a professores iniciantes, participação no projeto político pedagógico da escola, entrevistas e reuniões didático-pedagógicas, grupos de estudo, seminários, reuniões de trabalho para discutir a prática com colegas, pesquisas, mini-cursos de atualização, estudo de caso, conselhos de classe, programas de educação a distância) e fora da jornada de trabalho (congressos, cursos, encontros e palestras). Ela se faz por meio do estudo, da reflexão, da discussão e da confrontação de experiências dos professores. (p.191)

Para este estudo considere a parcela da formação continuada que é feita fora da jornada de trabalho.

QUADRO 4 – Especialização, cursos/capacitações e acesso a revistas.

ENTREVISTADO	FORMAÇÃO CONTINUADA
P1	<ul style="list-style-type: none"> - Eu não faço cursos porque estou com dificuldades financeiras e por falta de tempo. - O que aparece na escola em termos de Estado eu estou fazendo, teve um sobre campeonatos escolares e a respeito de regras, mas falta muita coisa; a gente precisa de mais.
P2	<ul style="list-style-type: none"> - Especialização em recreação e GRD. - Eu procuro fazer as capacitações que o Estado coloca, mas cursos eu não tenho tempo de me deslocar para fazer. - Eu pesquiso na internet, procuro tudo o que eu preciso por ali. Mas não que eu assine alguma revista da minha área
P3	<ul style="list-style-type: none"> - No momento eu estou sem fazer cursos. - Eu participei do PEC (programa de educação continuada) que era do ensino fundamental ao médio.
P4	<ul style="list-style-type: none"> - Especialização em futebol. - O Estado deixa a desejar, não há cursos de atualização, tudo o que é feito é direcionado ao ensino fundamental. - Eu assino Boa Forma, e leio com frequência a Life Sports.
P5	<ul style="list-style-type: none"> - Especializações em treinamento desportivo (FMU), fisiologia do exercício (Unimep) e ciências do esporte (Unicamp). - Cursos na área de treinamento desportivo e basquetebol. - Do Estado nenhum, se o Estado tem realizado eu não tenho feito. - Revistas mais voltadas ao treinamento desportivo.
P6	<ul style="list-style-type: none"> - Todos os cursos que eu encontro pela frente eu vou fazendo, mas quase sempre são de musicalização infantil. - Um sobre jogos cooperativos e outro sobre classe multi seriada, mas nenhum sobre ensino médio. - Se tiver algum curso fora do estado e for interessante eu vou e faço.
P7	<ul style="list-style-type: none"> - Especialização em natação, na FEFISA em Santo André.
P8	<ul style="list-style-type: none"> - Sempre que surge oportunidade, e eu tenho grana, estou fazendo cursos. - Eu faço curso de voleibol, recreação e lazer. - Ultimamente está complicado fazer cursos por causa do tempo. - No começo eu até lia a do CBCE, mas as informações que elas trazem não me auxiliam no dia a dia. E eu estou cansado de blá, blá, blá. Somente leio a revista Nova Escola.

Organização dos indicadores

TABELA 5 – Formação continuada.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Especialização		X		X	X		X		4
Acesso a revistas				X				X	2
Cursos		X	X		X	X	X	X	6
Cursos e capacitações oferecidas pelo Estado	X	X	X			X			4
Cursos/Capacitações sobre o Ensino Médio		X							1
Internet		X							1

Sabe-se que a formação continuada é uma exigência deste mundo moderno, uma formação permanente que se prolonga por toda a vida torna-se crucial numa profissão que lida com saberes e formação humana, numa época em que se renovam os currículos, modificam-se comportamentos, acentuam-se problemas sociais e econômicos (LIBÂNEO, 2001) e, como pude verificar a mesma não vem acontecendo.

Apenas quatro professores entrevistados (professor 2, professor 4, professor 5 e professor 7) realizaram cursos de especialização, mas estes cursos não estão relacionados diretamente com a Educação Física escolar.

Quanto a cursos e capacitações, os professores, esporadicamente os realizam e, quando os fazem, estes não estão relacionados com o ensino médio. Uma das explicações para este fato já foi levantada anteriormente: tanto no campo da pesquisa, quanto no campo do ensino; as atividades voltadas para o ensino médio são praticamente insipientes. Quando existem cursos o professor não tem tempo ou condições financeiras para fazê-los.

*... Eu não faço cursos porque estou com dificuldades financeiras, no momento só eu trabalho em casa, e também por falta de tempo.
(Professor 1)*

*... mas cursos assim eu não tenho tempo de me deslocar para fazer, em Jundiá, infelizmente, não tem muitos cursos dentro desta área...
(Professor 2)*

... ultimamente está complicado fazer cursos por causa do tempo, trabalho de manhã, tarde e noite e quase todo final de semana então não sobra tempo. (Professor 8).

Um outro fator predominante para que não ocorra formação continuada a contento é a inexistência de políticas públicas dessa natureza; as ações governamentais neste campo são escassas e, quando falamos em Educação Física para o ensino médio, são praticamente inexistentes. Os poucos cursos que ocorrem são direcionados ao ensino fundamental.

Quando o Estado propicia alguma coisa eu faço (...) teve um sobre campeonatos escolares e a respeito de regras. O que aparece na escola em termos de Estado eu estou fazendo, mas tá faltando muita coisa, a gente precisa de mais. (Professor 1)

... o Estado deixa um pouquinho a desejar com relação ao ensino médio, não tem cursos de atualização (...) tudo o que se faz é em torno do ensino fundamental, então o ensino médio tem sido deixado de lado neste aspecto de atualização. (Professor 4)

Uma outra forma de atualizar-se, colocada pelo professor 2, é a utilização da internet. *Eu pesquiso na internet, procuro tudo o que eu preciso por ali (professor 2).* A utilização da internet pode ser mais uma ferramenta para a atualização do professor, por isso o seu acesso deve ser democratizado.

Buscar novas informações em revistas científicas da área, esta é outra ação que o professor não faz. Ou por não ter acesso, ou pelas revistas não trazerem informações relevantes para modificar a sua prática pedagógica. Sabe-se que no Brasil há muitas revistas científicas de Educação Física e que as mesmas publicam poucos estudos sobre ensino e, na maioria das vezes, o que os professores precisam são estas pesquisas com informações e experiências sobre a prática pedagógica.

...No começo eu até lia a do CBCE, mas as informações que elas trazem não me auxiliam no dia a dia. E eu estou cansado de blá, blá, blá. (Professor 8)

Desta forma os professores acabam buscando novidades, soluções para seus problemas em revistas não científicas, veiculadas pela grande imprensa. Dos três professores que lêem revistas, dois (professor 4, professor 5) atuam em áreas não escolares e procuram nas revistas “orientações” para estas áreas, fazendo com

que as contribuições para o ensino médio sejam mínimas. Somente o professor 8 utiliza as revistas para encontrar orientações didático-metodológicas.

Área de atuação e tempo de trabalho no Estado

QUADRO 5 – Área de atuação e tempo de trabalho no Estado.

ENTREVISTADO	ÁREA DE ATUAÇÃO E TEMPO NO ESTADO
P1	- Educação Física escolar – ensino fundamental e médio. - O tempo de Estado é de 12 anos.
P2	- Educação Física escolar – ensino fundamental e médio. - O tempo de Estado é de 15 anos. - Ginástica para senhoras.
P3	- Educação Física escolar – ensino médio. - O tempo de Estado é de aproximadamente 18 anos.
P4	- Educação Física escolar – ensino médio. - O tempo de Estado é de 24 anos. - Turma de condicionamento desportivo na Faculdade de Medicina de Jundiaí. - Árbitro de voleibol vinculado à Federação Paulista.
P5	- Educação Física escolar – ensino médio. - O tempo de Estado é de 15 anos. - Educador desportivo em basquetebol – Prefeitura de Jundiaí.
P6	- Educação Física escolar – ensino fundamental e médio. - O tempo de Estado é de 20 anos. - Educação Física infantil e musicalização infantil na rede particular.
P7	- Educação Física escolar – ensino fundamental e médio. - O tempo de Estado é de 03 meses. - Academia de natação.
P8	- Educação Física escolar – ensino fundamental e médio. - O tempo de Estado é de 06 anos.

Organização dos indicadores

TABELA 6 – Área de atuação.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Educação Física escolar – ensino fundamental	X	X				X	X	X	5
Educação Física escolar – ensino médio	X	X	X	X	X	X	X	X	8
Educação Física não escolar		X		X	X		X		4
Outras áreas						X			1

Três dos professores entrevistados (professor 1, professor 3 e professor 8) trabalham apenas com a Educação Física escolar e, somente o professor 3 é exclusivo do ensino médio. O restante dos professores entrevistados atuam em áreas não escolares (professor 2, professor 4, professor 5 e professor 7) e em outras áreas (professor 6). Sendo que apenas o Professor 7 não traz informações do seu trabalho para o cotidiano escolar.

Como eu já disse eu trabalho com natação (...) Se eu pudesse trabalharia só com a natação. (Professor 7)

Em alguns casos a influência do trabalho extra-escolar é positiva como no caso do professor 2 que nos diz: *“Eu trabalho com as mães dos meus alunos, então é uma forma de eu fazer um círculo de amizades com elas, uma socialização...”*. E em outros casos as informações podem não ser relevantes, como no caso do Professor 4 que trabalha como árbitro de voleibol, e diz que: *“... Influencia na medida que toda vez que tem uma atualização no voleibol eu trago para cá. Eu fico sabendo já, logo de imediato” (Professor 4)*. Até que ponto é significativo para um aluno saber de imediato uma mudança na regra de determinado esporte?

Só se tornará significativo se o conteúdo trabalhado for o voleibol e, juntamente com a atualização, o professor trabalhar o contexto nos quais estas mudanças aconteceram, por exemplo: ao se trabalhar a mudança ocorrida na forma de pontuar, é possível trabalhar a influência da mídia no esporte, pois a necessidade

de se diminuir o tempo de realização das partidas deu-se para servir as transmissões televisas, acarretando a eliminação da vantagem e na utilização de pontos corridos.

Em outros casos a influência torna-se negativa como no caso do professor 5 que quando perguntado se o emprego extra-escola influenciava em suas aulas no ensino médio, comparou seus atletas de treinamento com alunos da sua escola.

...E também você percebe a diferença que é você trabalhar com um grupo de treinamento que tem um determinado objetivo dentro da área esportiva e Educação Física escolar hoje que é mais voltada mais para o aspecto recreacional (...) é preciso melhorar a base é como o COB com o pan de 2007 quer formar atletas, mas como fazer se não existir esporte de base, poderia começar pelas escolas (Professor 5).

Para este professor o treinamento desportivo é mais importante que a Educação Física escolar. Demonstrando assim o claro interesse que o mesmo possui pelos seus “atletas”, e, o desconhecimento dos objetivos para o ensino médio.

Além do trabalho extra-escolar outro fator que pode representar uma dificuldade para o professor é a ampla faixa etária que ele atende na escola (cinco professores deste estudo trabalham com turmas de ensino fundamental e médio), planejamentos diferenciados, cada turma possui uma necessidade: as atividades direcionadas para um grupo de alunos de 5ª série são completamente diferentes daquelas para alunos da 1ª série do ensino médio.

Outra causa que contribui com esta situação é a própria escola: é comum o professor dar uma aula na 6ª série e a próxima ser na 2ª série (EM), dificultando assim a sua vida. Na montagem do horário escolar, situações como estas não são levadas em consideração.

Mas a amplitude acima relatada pode tornar-se uma vantagem, se o professor trabalha em uma mesma escola, possibilitaria a realização de um programa longitudinal, garantindo assim ao final da educação básica, os objetivos do ensino médio.

5.2 Prática pedagógica

Acesso aos documentos oficiais - LDB, PCNs e DCNs

QUADRO 6 – Acesso aos documentos oficiais.

ENTREVISTADO	ACESSO AOS DOCUMENTOS
P1	- Normalmente nos nossos HTPCs a gente discute. - Nosso planejamento foi feito em cima dos PCNs
P2	- Eu uso muito os PCNs. Sempre que preciso eu vou lá e consulto.
P3 e P4	- Nas nossas HTPCs nós sempre discutimos as novidades., - Os PCNs nós lemos ele todinho.
P5	- Só os PCNs.
P6	- Os PCNs, tenho em mãos e quando eu monto o planejamento eu procuro segui-los. - Quando foi lançados os PCNs a gente teve que estudar muito.
P7	- Muito pouco.
P8	- Nos tivemos que ler os PCNs nas HTPCs - A LDB só houve uma pincelada por parte da coordenadora da escola.

Organização dos indicadores

TABELA 7 – Contato com os documentos oficiais.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
PCNs	X	X	X	X	X	X		X	7
LDB								X	1

Para que as transformações tão esperadas na educação nacional acontecessem seria necessário que os professores tivessem lido, discutido, debatido a tríade de documentos que as regulamentam.

Na prática isto não acontece. Os professores, sujeitos deste estudo, tomaram conhecimento apenas dos PCNs. Quanto à LDB e às DCNs, poucos disseram ter tido contacto e os que disseram, o contato foi via coordenadora em HTPCs¹⁵, embora ter conhecimento não significa pôr em prática.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais chegaram às escolas, isto é fato; mas proporcionar mudanças, como se esperava, não provocou, como já foi colocado anteriormente; os documentos são superficiais no que concerne à sugestão de estratégias para mudanças e pouco auxilia a ação didático-pedagógica do professor.

Um outro fator que dificulta a utilização destes documentos é a linguagem que os mesmos utilizam. Se o propósito era atingir toda a população nacional porque não utilizar uma linguagem mais acessível aos professores? CARVALHO (2001) afirma que:

A maior parte dos aparentes esforços teóricos no sentido de se estabelecer regras e procedimentos didáticos pretensamente capazes de instrumentalizar os professores para 'novas práticas pedagógicas' raramente ultrapassa uma coleção de frases de efeito ou aparentes prescrições que, na verdade, simplesmente enunciam as condições finais para o êxito. (s.p.)

É necessário salientar que para que aconteçam mudanças não bastam apenas, boas ações em políticas públicas, é preciso que a escola crie um espaço para discussão, no qual todos professores possam opinar, igualmente, na construção das ações que regulamentarão a escola.

Em algumas escolas teoricamente este espaço até existe, mas quando existe, o envolvimento dos professores de Educação Física é quase inexistente.

Se realmente a intenção é transformar, reformar o ensino médio, o caminho escolhido não está levando a lugar algum, pois para que as mudanças possam acontecer, o professor deve deixar de ser apenas “fantoche” da legislação para se tornar um sujeito atuante na construção do currículo.

¹⁵ Hora de trabalho pedagógico coletivo – As HTPCs são horas aulas incluídas na carga total do professor para a realização de planejamentos, reuniões, etc.

Objetivos do Ensino Médio

QUADRO 7 – Objetivos do novo ensino médio.

ENTREVISTADO	OBJETIVOS DO ENSINO MÉDIO
P1	- Preparar o aluno para a vida. - Dar noção visando o trabalho, o futuro profissional.
P2	- Preparar para a vida, para o trabalho e não só para o vestibular.
P3	- Tem a ver com cidadania.
P4	- Não respondeu.
P5	- Preparar para os vestibulares.
P6	- Formação para concorrer lá fora. - Exercer a cidadania.
P7	- Preparar para o vestibular.
P8	- Preparar o aluno para a vida.

Organização dos indicadores

TABELA 8 – Objetivos do ensino médio.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Preparar para o vestibular					X		X		2
Cidadania	X	X	X			X		X	5
Noções de trabalho	X	X							2

Visando romper a dicotomia ensino propedêutico X ensino profissionalizante, os objetivos do novo ensino médio podem ser divididos em três grandes blocos: 1. consolidar aprendizagens anteriores; 2. preparar para o mundo do trabalho; e 3. preparar o aluno cidadão que vai atuar no século XXI.

Os professores que não incorporaram em seus discursos estes objetivos, foram dois deles; os professores 5 e 7 ainda acreditam que o principal papel do ensino médio é preparar o aluno para os vestibulares. O restante traz em suas falas

a necessidade de se preparar o aluno para o mundo do trabalho, da vida profissional e torná-lo cidadão.

Tem que ter assim uma noção visando o trabalho, o futuro profissional do aluno, mas mais eu acredito que seja preparar o aluno para a vida lá fora. (Professor 1).

Fazer com que o aluno tenha uma formação que vá conseguir concorrer lá fora, exercer a cidadania dele (...) se formarem cidadãos e terem uma formação mínima para esse mercado que está lá fora disputadíssimo. (Professor 6)

Preparar o aluno para a vida. (Professor 8).

Estes objetivos terem sido incorporados pelo professor é apenas o primeiro passo, pois é preciso sair do campo das idéias e adentrar no campo das ações, para que o discurso deixe de ser discurso e torne-se fato. Na maioria das vezes o professor tem a ferramenta para que isto aconteça, é o único que trabalha diretamente com os alunos, mas a instituição escola nem sempre o ajuda, volta-se para o vestibular e se esquece do resto.

Como pude perceber a situação é mais crítica quando se refere ao professor de Educação Física, pois o mesmo não sabe qual é o papel do seu componente curricular neste processo, os objetivos do novo ensino médio.

Porém, se formos nos centrar na formação do cidadão, percebe-se que a Educação Física tem muito a contribuir. Para BETTI (1999):

... como concretizar uma Educação Física cidadã? É preciso pensar em novas tarefas para a Educação Física, e entre elas estão: a formação do espectador crítico e sensível; a exploração da função de conhecimentos presente na mídia e das contradições que o seu discurso revela; e a preservação dos contra-estereótipos, pois a Educação Física, aliando a vivência, a emoção e a inteligência, pode fazer subsistir, ao lado do esforço máximo, da vitória a qualquer preço e da recompensa extrínseca, o lúdico e o prazer, a saúde global e o lazer (p.91).

Embora a fala do autor demonstre a possibilidade da Educação Física contribuir na formação do cidadão, o que não pode ocorrer é a escola transferir para Educação Física este objetivo, pois somos uma parcela da mesma e temos um conhecimento próprio de cultura corporal que cabe a nós trabalharmos.

É preciso esclarecer que nenhum dos documentos oficiais, LDB, DCNs e os PCNs, mesmo este possuindo um documento dedicado à Educação Física, trazem, em seu corpo textual, informações relevantes a esta questão.

Contribuições da Educação Física para que aconteçam os objetivos do novo ensino médio

QUADRO 8 – Contribuições da Educação Física para que aconteçam os objetivos do novo ensino médio.

ENTREVISTADO	CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA
P1	- A Educação Física colabora para que o aluno tenha sucesso ao sair da escola. - É a disciplina que mais contribui em termos de valores, de ética, de força de vontade, de vencer obstáculos.
P2	- Interdisciplinando com as outras matérias, deve existir um contato senão, não há objetivo, eu estou trabalhando individual numa escola, eu sou uma ilha.
P3	- Instruindo o aluno sobre o que é necessário para melhorar a qualidade de vida dele, mostrando a ele que o mesmo possui um corpo e que este corpo vai ser útil para desenvolver qualquer habilidade que necessite. - Não formando atletas.
P4	- Fazendo com que o aluno sinta necessidade de ter um corpo com saúde, não como máquina de fazer ginástica, esporte. - Informando para o aluno sobre qualidade de vida, se não tiver qualidade de vida ele não vai conseguir exercer uma função (ter saúde) em qualquer área
P5	- A Educação Física é fantástica, possibilita um grau de motivação, o respeito, a integração social, o aumentar a determinação, obter determinados objetivos, proporciona o respeito à situação social, às regras. Eu acho que funciona muito neste aspecto.
P6	- Educação Física com papel social muito grande. - Eu estou satisfeita se o meu aluno souber respeitar a pessoa que convive diariamente do lado dele, eu acho que o esporte ajuda muito isso.
P7	- A Educação Física contribui muito pouco, não cai no vestibular.
P8	- Fazer com que o aluno tenha noção da importância da Educação Física, tenha a mesma como referência de saúde, e como lazer.-

Organização dos indicadores

TABELA 9 – Contribuições da Educação Física para que aconteçam os objetivos do novo ensino médio.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Aptidão física e saúde			X	X				X	3
Inserção social	X				X	X			3
Lazer								X	1
Valores e atitudes	X				X	X			3
Conceitos		X	X	X					3

Como já foi dito anteriormente, segundo a LDB, a Educação Física é componente curricular obrigatório na educação básica. Sendo assim, a mesma deve contribuir para a formação geral do educando, iniciando com ensino fundamental, culminando com o ensino médio. E, também como já foi afirmado, o que os documentos não deixam claro é como a Educação Física irá contribuir, quer seja no ensino fundamental ou no ensino médio.

Para os entrevistados as contribuições vem das mais variadas formas, os mesmos romperam a barreira da formação esportiva na escola, vislumbram uma Educação Física formadora de opiniões e atitudes.

Eu coloco bem para os meus alunos que não precisa saber jogar. Não precisa ser o melhor. Você precisa ter força de vontade para poder participar. (Professor 1)

Eu não quero que você seja um atleta, aqui você não vai ser um atleta, se você fosse um atleta você estaria em um clube. (Professor 3)

Os dados apontam que, conscientemente ou não, os professores 3, 4 e 8 estão em consonância com os propósitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois utilizam do discurso da aptidão física e da saúde para justificarem o papel que a Educação Física representa no novo ensino médio.

A formação que a gente procura fazer é que o aluno sinta a necessidade de ter uma saúde, um corpo com saúde, não como máquina de fazer ginástica, esporte (Professor 4).

Embora aconteça esta consonância os dados também confirmam a situação atual em que a Educação Física escolar brasileira se encontra: não existe um corpo de saberes “fixos” que os alunos devam ter adquirido ao terminar o ensino médio, nem professores, nem secretarias municipais e estaduais dão conta de explicitar o lugar que a Educação Física ocupa na etapa final da educação básica.

A situação acima descrita pode ser vista como um problema para alguns professores, eles não possuem ou julgam não possuir condições para definirem o que é mais importante para a sua população escolar e, ao mesmo tempo, a mesma situação pode ser o que o a Educação Física escolar tem de mais fantástico, o seu único compromisso é com o aluno e não com vestibulares e órgãos oficiais.

Sendo assim cabe ao professor representar o seu papel. Papel este que para os professores participantes desta pesquisa são vários: amigo – o professor deve ser amigo dos alunos para melhor compreendê-los; motivador – o professor deve motivar os alunos a fazerem as atividades propostas em suas aulas para que futuramente eles gostem da prática da atividade física; formador e informador – o professor deve transmitir uma série de conhecimentos sobre o corpo, seus limites e possibilidades necessários à formação do educando (conhecimentos estes que quase sempre, estão relacionados com saúde); e sociabilizador (o professor que atua como um agente integrador entre alunos). São assumindo estes papéis sociais que os professores julgam contribuir com o novo ensino médio.

Eu vejo a Educação Física principalmente no papel social, ela tem um papel social muito grande. Eu não vou querer que ninguém daqui saia jogador de nada, esportista de nada; mas, se o meu aluno souber respeitar a pessoa que convive diariamente do lado dele, está suficiente. (Professor 6)

A fala dos entrevistados só auxilia na construção do imaginário social coletivo, “n” papéis sociais são atribuídos aos professores de Educação Física, mas ninguém sabe bem ao certo qual deles deve ser representado, acarretando em mais um fator para a visão que a sociedade possui: a não seriedade da Educação Física escolar.

Principais conteúdos nas aulas de Educação Física

QUADRO 9 – Os conteúdos das aulas de Educação Física.

ENTREVISTADO	CONTEÚDOS DAS AULAS
P1	- Eu divido as modalidades esportivas. Hoje nós estamos jogando vôlei. - O 1º bimestre foi voleibol, o 2º bimestre foi handebol, o 3º bimestre, que é esse, é futebol. - Ginástica, alongamentos, tênis de mesa e xadrez.
P2	- Ginástica; conscientização corpora; e alguns esportes.
P3 e P4	- A gente trabalha com os quatro esportes básicos. - Paralelo a isso caminhadas, danças, atividades com cordas, esportes individuais, condicionamento físico, alongamentos. - Através de um aluno estamos trabalhando artes marciais.
P5	- Eu trabalho com jogos. Não tem nada melhor do que o jogo. O esporte, o jogar, jogar voleibol, basquete, futsal, tênis de mesa.
P6	- Eu faço os fundamentos dos quatro esportes que a gente desenvolve na escola que são futsal, vôlei, handebol e basquete. Trabalhar a evolução deles, a parte prática do jogo. - Eu trabalho também parte teórica de outros esportes que eles gostam e pesquisas sobre saúde, sedentarismo, higiene.
P7	- A única coisa que se consegue fazer é o jogo
P8	- Conteúdos práticos de modalidades esportivas; sistema de jogo; a questão da teoria da Educação Física; os benefícios que ela pode trazer, os malefícios que ela pode trazer.

Organização dos indicadores

TABELA 10 – Principais conteúdos das aulas de Educação Física.

Indicadores		Entrevistados							Total
		P1	P2	P3 e P4	P5	P6	P7	P8	
Conteúdos práticos	Esporte coletivo	X	X	X	X	X		X	6
	Esporte Individual	X		X	X				3
	Jogo ¹⁶				X		X		2
	Ginástica e Alongamento	X	X	X					3
	Condicionamento Físico			X					1
	Caminhada			X					1
	Dança			X					1
	Artes marciais	X		X					2
Consciência corporal		X	X					2	
Conteúdos teóricos						X		X	2

Para ser possível o desenvolvimento das competências e habilidades solicitadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais; e, atingir os objetivos do ensino médio, propostos pela LDB, é preciso sair da esfera dos quatro esportes coletivos básicos (futsal, handebol, voleibol e basquetebol), tradicionalmente trabalhados na Educação Física. Lembro que romper esta barreira muitas vezes é romper com a própria escola, com a cultura escolar.

Os esportes coletivos são uma constante nas aulas de Educação Física, em Jundiaí. Alguns professores até tentam trabalhar com outros conteúdos; mas, os únicos que realmente desenvolvem conteúdos capazes de transpor esta barreira (esporte coletivo) são os professores 3 e 4. Professores que nos dão um belo exemplo, quando juntamente com um aluno desenvolvem artes marciais na escola – uma brilhante solução para se trabalhar outros conteúdos; valoriza o aluno e garante aos outros alunos mais um componente da cultura corporal.

Aliás, para que o novo ensino médio aconteça, outras barreiras, além do conteúdo, devem ser transpostas. Uma delas é aquela em que o professor acredita que o seu componente curricular tem um fim em si mesmo e existe independente dos outros componentes curriculares, por isso, a interdisciplinaridade deve ser a ferramenta que auxiliará esta ação, alavancando um novo caminhar.

Interdisciplinaridade

Em seu volume introdutório os PCNs apresentam a interdisciplinaridade como prerrogativa para que se componha o novo ensino médio. Segundo os documentos, entende-se interdisciplinaridade como uma transposição à barreira da justaposição de disciplinas. Como em um momento que o professor sente necessidade de saberes, procedimentos que em uma única visão disciplinar não são suficientes para explicar fenômenos necessários ao seu componente curricular e/ou

¹⁶ Jogo neste caso está relacionado à prática desportiva das modalidades tradicionais.

também em momentos especiais como na organização de eventos que envolvam a escola toda.

QUADRO 10 – Interdisciplinaridade.

ENTREVISTADO	INTERDISCIPLINARIDADE
P1	- Fiz parte do projeto lixo, um projeto no qual a gente trabalha a higiene.
P2	- Fizemos um grande, na copa do mundo. - Os projetos são discutidos em HTPCs, agora nós vamos desenvolver um projeto do Folclore.
P3 e P4	- Nos envolvem normalmente porque nós estamos sempre prontos para tudo, mas faltam objetivos, porque que a Educação Física? Qual é o nosso papel neste processo? - Nós temos uma dificuldade muito grande aqui na escola de trabalharmos o coletivo, cada professor só quer saber de fazer o seu, dar a sua aula e acabou.
P5	- Quando a escola solicita, eu sou parte integrante, mas eu não discuto os objetivos destes projetos pois, não participo das HTPCs (incompatibilidade de horário – prefeitura X estado).
P6	- Fizemos o projeto da copa do mundo este ano foi interligado entre todas as disciplinas. - Já fiz projeto de músculos, ossos, coração junto com a professora de ciências, com a professora de matemática, por exemplo, frequência cardíaca, a professora auxilia com os cálculos e eu com a respiração, por exemplo.
P7	- Não, a escola não solicita e não colabora.
P8	- Fizemos a festa das nações, envolvendo praticamente todas as outras disciplinas, os alunos fizeram pesquisa sobre cada país, toda geografia, toda história, tudo sobre o país que eles tinham que apresentar as danças.

Organização dos indicadores

TABELA 11 – Interdisciplinaridade.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Projetos com outras disciplinas	X	X	X	X	X	X		X	7
Interdisciplinaridade		X				X		X	3

Se olharmos para interdisciplinaridade como a mesma é apresentada nos Parâmetros Curriculares, é possível afirmar que em alguns momentos a mesma acontece quando as ações dos professores os levam a romper a barreira do tradicional, trabalhando em conjunto com outros componentes curriculares para explicar alguns de seus conteúdos ou na organização de eventos que envolvam a escola toda.

...já fiz projeto de músculos , ossos, coração junto com a professora de ciências, com a professora de matemática, por exemplo, frequência cardíaca; a professora auxilia com os cálculos e eu, com a respiração por exemplo. (Professor 6)

...Fizemos um grande da copa do mundo. Os projetos são discutidos em HTPCs, agora nós vamos desenvolver um projeto do Folclore. (Professor 2)

...Eu entrei com um projeto sobre danças, fizemos a festa das nações, envolvendo praticamente todas as outras disciplinas, os alunos fizeram pesquisa sobre cada país, toda geografia, toda história, tudo sobre o país que eles tinham que apresentar as danças. (Professor 8)

Mas se olharmos a interdisciplinaridade sob a luz da teoria interdisciplinar verificou-se que estes momentos diminuem muito. “A *interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender*” (FAZENDA, 2001, p. 11).

Para que a interdisciplinaridade torne-se uma prática pedagógica real, é preciso que aconteça uma mudança de atitude do professor diante da sua *praxis*, e não uma mera justaposição de disciplinas. Segundo JOSGRILBERT (1991):

A atitude que se articula com a pratica interdisciplinar, exige que o professor esteja sempre avaliando o seu trabalho, verificando se está adequado à realidade, se traz felicidade na relação professor-aluno e leva a uma aprendizagem significativa. (p.85)

Um professor, com atitude interdisciplinar é aquele que constantemente transforma a sua prática em reflexão; que tem humildade para desenvolver projetos em parceria com outros professores; e tem ousadia para romper com padrões convencionais. A prática pedagógica interdisciplinar é desencadeada quando diante de um problema do seu cotidiano, ou de um aluno, o professor constrói junto com o

grupo docente e discente as resoluções necessárias para que os problemas sejam superados.

A obrigação é alternada pela satisfação, a arrogância pela humildade, a solidão pela cooperação, a especialização pela generalidade, o grupo homogêneo pelo heterogêneo (...) numa aula interdisciplinar há um ritual de encontro no início, no meio e no fim. (FAZENDA, 1991, p.83)

Para que a interdisciplinaridade efetivamente aconteça na escola é preciso que o corpo docente entenda que a mesma deve ter, não só, a integração de conteúdos e, sim, a integração como produto de uma aprendizagem completa, mais com pessoas do que conteúdos, com a compreensão dos alunos nas relações propostas (JOSGRILBERT, 2001).

Planejamento Participativo

Uma outra prática que auxiliará o trabalho do professor de Educação Física no ensino médio é o planejamento participativo, que assim como a interdisciplinaridade não é uma ação comum aos professores.

Fazer planejamento participativo é fazer o planejamento sobre a perspectiva materialista¹⁷; nesta concepção o ser pensante e o conteúdo do pensamento são coisas distintas; a consciência é um dado secundário e a realidade um dado primário. O professor primeiro conhece seus alunos, conhecimento da realidade; depois reflete sobre a realidade; e por último faz o seu planejamento, voltando à realidade.

Eu diria mais, a partir da realidade encontrada, propiciar ao aluno a possibilidade de optar e comprometer-se com as atividades que serão desenvolvidas, nas suas aulas de Educação Física, quer seja ao longo do bimestre, ou ao longo do ano.

¹⁷ Na concepção materialista, a consciência é um produto da matéria, permite que o mundo se reflita nela, o que assegura a possibilidade que tem o homem de conhecer o universo (...) o materialismo reconhece que a realidade existe independente da consciência. (TRIVIÑOS, 1987, p.50)

QUADRO 11 – Planejamento participativo.

ENTREVISTADO	PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO
P1	- Não, normalmente não. Eu faço é usar a minha experiência do ano anterior com os alunos e também eu nunca faço sozinha o planejamento, eu sempre faço com uma colega da área. - E não faço planejamento com os alunos presentes na hora que eu estou fazendo, mas eu levo muito em consideração a opinião deles, o que eles gostam.
P2	- Não porque o planejamento é feito logo no início do ano ou no ano anterior, há uma flexibilidade, mas ele já está pronto no início do ano.
P3 e P4	- Não desenvolvem.
P5	- Do planejamento não, mas muitas das atividades quando elas são propostas são solicitadas pelos próprios alunos. Uma vez que você tem aulas duplas então é só hoje, você tem duas aulas num período de 05 dias é complicado você chegar e impor, então você vai ter uma aceitação, por parte da clientela, menor.
P6	- Eu procuro fazer isso, todo início de ano eu faço uma avaliação, uma pesquisa dos interesses de cada um, na medida do possível eu encaixo no planejamento para que seja mais de acordo com a realidade deles.
P7	- Não desenvolvem
P8	- O planejamento é feito logo no início do ano ou no ano anterior, há uma flexibilidade, mas ele já está pronto no início do ano.

Organização dos indicadores

TABELA 12 – Planejamento participativo.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Planejamento participativo						X			1

O único professor que busca dar espaço aos alunos é o Professor 6, o restante, embora alguns até acatem algumas sugestões dos alunos, faz seu planejamento sem compromisso com o grupo que vai encontrar.

Realizar planejamento participativo não é uma tarefa muito difícil, requer envolvimento e disposição dos professores e alunos.

Como já foi dito anteriormente, CORREIA (1996) mostrou ser perfeitamente viável a realização de uma proposta de planejamento participativo em uma escola de ensino médio; e que a mesma proporcionou satisfação aos alunos – havia um comprometimento por parte deles na escolha das atividades, e valorização do componente curricular Educação Física perante a comunidade docente e discente.

A realização de planejamento participativo auxilia, também, no desenvolvimento da autonomia do aluno, um dos objetivos do ensino médio. Segundo os Parâmetros Curriculares ao terminar a educação básica o aluno deverá:

Demonstrar autonomia na elaboração de atividades corporais, assim como capacidade para discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal. (BRASIL, 2002b, p.167)

Ao término do ensino médio, o educando deveria ter desenvolvido condições para ser autônomo, em relação a sua prática de atividades físicas. Seria natural que esta fosse a realidade encontrada nas escolas, após, no mínimo, sete anos de Educação Física escolar. O que encontramos é justamente o contrário.

Qual é a visão que os professores de Educação Física possuem sobre este fato? Por que a autonomia não acontece? Quais são as expectativas dos professores em relação a seus alunos após ensino médio? Questões como estas permeiam a esfera do ensino médio.

QUADRO 12 – A expectativa do professor e a autonomia.

ENTREVISTADO	EXPECTATIVA DO PROFESSOR E AUTONOMIA
P1	<ul style="list-style-type: none"> - Ele tem que sair com maior habilidade, a parte física dele tem que ser melhorada, a parte respiratória, a cardiovascular. - Espero que o aluno cresça na sua personalidade, que ele tenha uma auto-estima, autoconfiança. - Ele vai conseguir conhecer o seu corpo, a se conhecer melhor. Mas, gerenciar uma atividade física é muito amplo, não sei se ele sai com tudo isso.
P2	<ul style="list-style-type: none"> - Que ele tenha conceitos de ser humano, desenvolvimento físico e, ele tenha se identificado com algum esporte, alguma atividade física. - ele não está preparado para a autonomia, falta preparação do professor, por causa disto os alunos não estão saindo autônomos.
P3	<ul style="list-style-type: none"> - Eu espero que ele se sinta capaz para tudo na vida, que ele vença obstáculos, que seja bastante consciente em tudo na vida dele. - ele não está preparado para a autonomia.
P4	<ul style="list-style-type: none"> - O gosto pela atividade física; o interesse em praticar uma atividade física; o prazer em fazê-la. - Eu acho que não tem condições e nem deve, quando ele quiser fazer uma atividade física deve procurar um profissional, uma academia. Jamais eu falaria para ele fazer sozinho alguma coisa, ele não está capacitado para fazer sozinho.
P5	<ul style="list-style-type: none"> - Eu gostaria que eles percebessem a importância da atividade física num todo ou pelo menos percebessem a sensação de bem estar que a atividade física proporciona. - Eu não vejo hoje está possibilidade. Mesmo a gente tentando nas aulas em alguns momentos levá-los para a sala de aula e colocar: o que é frequência cardíaca? Como se controla esta frequência. Mesmo quando a gente dá a atividade de caminhada eles não estão preocupados com este aspecto de controle de carga.
P6	<ul style="list-style-type: none"> - Que ele goste de alguma coisa de alguma atividade física e que ele perceba a importância da atividade física na qualidade de vida - Não eu acho que não, ele não é um profissional, ele poderá saber o que é bom e o que é ruim. Mas saber realizar um programa de atividade física, não.
P7	<ul style="list-style-type: none"> - Que eles gostassem de fazer atividade física. - Com relação à autonomia: acredito que não.
P8	<ul style="list-style-type: none"> - Eu gostaria que eles tirassem aquela mentalidade de que a EF é voltada apenas para o esporte. Eu gostaria que eles terminassem o ensino médio com uma outra visão da EF, que ele tivesse uma utilidade na sua vida. - Em partes, pois o trabalho não se concentra só no ensino médio, demanda tempo e deve ser iniciado lá no fundamental. Só assim será possível a autonomia.

Organização dos indicadores

TABELA 13 – Expectativa do professor e autonomia.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Auto conhecimento	X	X							2
Educação Física e saúde	X				X	X			3
Condições físicas e motoras melhores	X								1
Interesse pela atividade física		X		X		X	X		4
Reconhecer a importância da atividade física					X	X		X	3
Superação			X						1
Autonomia	Sim – não está preparado		X	X				X	3
	Não é possível	X			X	X	X	X	5

Para alguns professores (professores 1, 4, 5, 6 e 7) desenvolver a autonomia dos alunos com relação à prática de atividades físicas é uma ilusão, uma prática longe de acontecer, distante da realidade escolar.

Mesmo a gente tentando nas aulas em alguns momentos levá-los para a sala de aula e colocar: o que é frequência cardíaca? Como se controla está frequência. Mesmo quando a gente dá a atividade de caminhada eles não estão preocupados com este aspecto de controle de carga. Eles querem fazer por si só. Mas eles não têm autonomia pra determinar e controlar a sobrecarga do esforço que estão fazendo (Professor 5).

Não eu acho que não, ele não é um profissional, ele poderá saber o que é bom e o que é ruim. Mas saber realizar um programa de atividade física, não. Eles são muito imaturos para isto (...) autonomia é meio difícil, com a quantidade de aulas que eles têm. Eu acho difícil (Professor 6).

Para o restante (professores 2, 3 e 8) a autonomia só não acontece porque o aluno não está sendo preparado para desenvolver esta função.

Hoje eu acho que não, ele não está preparado para isso, falta preparação do professor, por causa disto os alunos não estão saindo. (Professor 2)

A autonomia encontra-se distante nas falas e práticas dos professores devido à existência de alguns fatores: a) históricos; b) institucionais; e c) pessoais.

a) Historicamente, ainda vivemos uma Educação Física oriunda da ditadura militar; os professores ministram aulas sem saber o porquê, tampouco os alunos sabem para que as mesmas servem. O professor demonstra e o aluno copia. Desta forma cria-se um aluno dependente e alienado, incompatível com a autonomia;

b) A Educação Física vem perdendo espaço nas instituições escolares, inchou-se o currículo. Sociologia, filosofia, ética fazem parte das chamadas disciplinas novas no ensino médio e a primeira disciplina a perder espaço é a Educação Física, por culpa de nós mesmos, ao longo dos anos não realizamos bons trabalhos e ousamos afirmar que se quer sabemos justificar a nossa presença na escola. Hoje temos duas aulas semanais nas primeiras séries do ensino médio e apenas uma aula no último ano.

c) Durante a sua formação não fica claro para o professor que tipo de conhecimento deve ser passado para o aluno, gerando assim dúvidas. O que o professor deve ter e não tem claro para si é que o seu conhecimento é diferente do conhecimento do aluno e não se deseja o mesmo para os alunos. Deseja-se formar alunos capazes de reconhecerem o seu corpo e que tenham capacidade de optar, escolher o que é melhor no que concerne à atividade física.

Caso o professor reconheça esta diferença (entre os seus saberes e os saberes dos alunos) e não forma um aluno autônomo, ao longo de pelo menos sete anos de Educação Física escolar, nos leva a pensar que o mesmo não acredita que formando um aluno capaz de auto-gerenciar sua prática de atividade física estará perdendo espaço no mercado de trabalho, enquanto profissional.

Para que a tão almejada autonomia aconteça o professor deve superar estas três barreiras e lembrar que o ensino médio é só a etapa final da escolarização básica e se o objetivo de formar um aluno autônomo estiver presente desde o início do ensino fundamental, ele torna-se perfeitamente possível.

O terceiro bloco que apresento aqui se relaciona com as dificuldades e necessidades que os professores possuem com o trabalho no ensino médio

5.3 Dificuldades e necessidades no trabalho com o ensino médio

Na revisão de literatura deste estudo eu utilizei a metáfora do calcanhar-de-Aquiles, ao me referir à Educação Física no ensino médio. Aqui apresento as dificuldades encontradas pelos professores no trabalho com os adolescentes, dificuldades estas que justificam a utilização da metáfora e devem ser superadas para o ensino médio deixar de ser o ponto fraco do professor.

QUADRO 13 – Dificuldades no trabalho com o ensino médio.

ENTREVISTADO	DIFICULDADES
P1	- Faltam cursos, bons cursos. - Relacionamento professor–aluno (aluno adolescente) - Aluno desmotivado à atividade física
P2	- O aluno vem conversar com a gente de forma agressiva.
P3	- Falta de Material. - Material que vá satisfazê-los, por exemplo, a bola para eles não é mais tão importante hoje; em dia eles visam a uma mini academia.
P4	- O aluno adolescente nesta faixa etária está mais crítico, a porcentagem daqueles que gostam de fazer Educação Física diminuiu. - A dificuldade maior que eu tenho hoje é que os alunos não têm coordenação motora.
P5	- A falta de material, a falta de objetivo por parte deles, a atividade física para eles não é encarada como uma questão de saúde, é encarada apenas como um momento único de lazer e a aceitação para eles ainda assim é baixa. - Eu vejo a questão da indisciplina um problema muito sério.
P6	- Eu sinto um pouco de dificuldade neste ponto que não é 100% da classe que se empenha em fazer uma aula
P7	
P8	- No ensino médio o aluno vem praticamente cru de tudo ou seja a maioria não tem noção de esporte, não tem uma coordenação motora bem desenvolvida.

Organização dos indicadores

TABELA 14– Dificuldades com o ensino médio.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Faltam cursos	X								1
Falta de Interesse dos alunos	X			X	X	X			4
Falta de coordenação				X				X	2
Falta de materiais			X		X				2
Indisciplina					X			X	2
Relacionamento	X	X							2

Algumas das dificuldades aqui apresentadas são clássicas, velhas da Educação Física, comuns na fala dos professores em reuniões e congressos. Alunos desmotivados à prática da atividade física; alunos sem coordenação motora para a realização de atividades práticas; falta de materiais; e falta de cursos e capacitações. Outras dificuldades: agressividade e indisciplina, problemas comuns à escola.

Percebe-se que os problemas mapeados em Jundiaí são os mesmos apresentados na maioria das escolas brasileiras.

A existência de problemas na educação não é exclusiva da Educação Física. O que não pode acontecer é o professor se esconder atrás destas dificuldades para justificar a não realização de bons trabalhos com o ensino médio.

O que é preciso para que estas dificuldades sejam superadas? O que os professores julgam necessário para melhorar?

QUADRO 14 – Necessidades para melhorar o trabalho com o ensino médio.

ENTREVISTADO	NECESSIDADES
P1	- Respeito mútuo
P2	- Vontade e cobrança do professor, ele se acomodou. Ele não cobra cursos, capacitações, vontade dele mesmo de pegar um livro se atualizar. E também tem o problema de falta de tempo, pois não somos liberados para fazer cursos.
P3	- Nós temos que ter um apoio. Como é que vai melhorar se o Ciclo Básico perdeu a aula com o especialista? Sendo que a base é o primário.
P4	- Voltar as aulas do ciclo básico para o professor especialista / cobrança (via autoridades e ENEM) / Intercâmbio entre professores
P5	- Aumentar o número de aulas, proibir a aula dupla e ficar pelo menos três vezes por semana uma aula de Educação Física e também voltar à aula de Educação Física para os ciclos básicos. - Desenvolver o esporte de base a partir da escola.
P6	- O que precisa são os professores insistirem um pouco mais na importância da Educação Física / Mais aulas para o ensino médio
P7	- Tem que ser obrigatória, reprovar.
P8	- Um maior investimento em cursos de atualização e muito trabalho duro do professor, iniciando no ensino fundamental.

Organização dos indicadores

TABELA 15 – Necessidades para melhorar o trabalho com o ensino médio.

Indicadores	Entrevistados								Total
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	
Voltar as aulas do ciclo básico para o especialista			X	X	X			X	4
Respeito mútuo	X								1
Cursos e capacitações								X	1
Vontade do professor		X				X			2
Cobrança e reprovação				X			X		2
Intercâmbio		X		X					2
Mais aulas para o ensino médio					X	X			2

Algumas necessidades estão diretamente relacionadas com as dificuldades relatadas:

- Voltar às aulas do ciclo básico para a mão do professor especialista, os professores acreditam que assim estarão garantindo maiores chances de realização de bons trabalhos no ensino fundamental;

- Um maior investimento em cursos e capacitações;

- Aumento no número de aulas para o ensino médio, permitindo assim a realização de um bom programa. O que o professor não se recorda é de que havia três aulas semanais e se as mesmas diminuíssem, ele tem uma parcela de culpa; e

- Cobrança externa. A presença da Educação Física no ENEM e em vestibulares garantiria um maior interesse por parte dos alunos.

Aqui temos um equívoco, a valorização de um componente curricular não pode depender apenas de avaliações externas, deve depender de uma série de fatores que incluem: competência do professor; avaliações externas e internas; apoio institucional e governamental.

A maioria das necessidades acima relatadas para melhorar o ensino médio são possíveis de serem realizadas: as aulas do CB já estão voltando para um especialista; o governo pode oferecer capacitações; o número de aulas semanais pode aumentar; a Educação Física pode ser cobrada no ENEM. Mas todas estas mudanças de nada adiantarão se o professor não tiver força de vontade e ele mesmo mudar: sua postura, suas atitudes...

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Hora de ir embora
Quando o corpo quer ficar
Toda alma de artista quer partir
Arte de deixar algum lugar
(Chico Buarque)*

Ao iniciar o curso de pós-graduação existia em mim uma angústia muito grande quanto à situação da Educação Física brasileira, e em particular, quanto à

situação do ensino médio, que beira a extinção, número de aulas semanais reduzidas, e com valor, na comunidade discente, cada vez menor.

A realização desta dissertação é fruto da busca de resoluções para estas angústias, ao terminá-la posso dizer que algumas delas eu consegui resolver, outras não.

Fui a campo para saber se nos últimos anos a situação da Educação Física no ensino médio sofrera modificações. Para alcançar este objetivo era necessário um ponto de partida – meu ponto de partida foi a existência do que eu chamei de tríplice aliança: LDB, Diretrizes Curriculares e Parâmetros Curriculares, documentos que propunham modificar todo o ensino brasileiro, dar novos rumos à educação nacional, criar um novo ensino médio.

Juntamente com o objetivo geral que norteava a minha pesquisa vieram outros: conhecer o professor de Educação Física que atua com ensino médio na cidade de Jundiaí; verificar como está a prática pedagógica deste professor; e mapear as principais dificuldades dos professores nesta etapa da escolarização básica.

Os propósitos deste estudo foram alcançados:

O professor de Educação Física atuante na cidade de Jundiaí é “prata da casa”, formou-se na Escola de Educação Física da sua cidade. Raramente faz cursos de atualização, e quando os faz, estes cursos não se referem ao ensino médio. Vislumbra desenvolver em seus alunos o gosto pela atividade física, torná-los cidadãos fisicamente ativos; mas para atingir estes objetivos não faz nada de diferente, continua trabalhando “pé-bola” e “mão-bola”.

Quanto a sua prática pedagógica: suas aulas são ministradas no mesmo período que as demais; seu habitat é a quadra; suas aulas permanecem com seqüências pedagógicas dos esportes coletivos tradicionais nas aulas de Educação Física; e, algumas vezes trabalha “teoria” – conteúdos técnicos das modalidades ou conteúdos relacionados à fisiologia do exercício – em sala de aula.

Para ele o trabalho com o ensino médio é um desafio, pois recebe quase sempre turmas heterogêneas, sem coordenação motora, desinteressadas pela prática de atividades físicas. Um outro problema que enfrenta é a falta de material e a indisciplina.

Para modificar a sua situação clama por um apoio governamental maior, mais cursos e capacitações que possam auxiliá-lo a transformar a sua prática, que permitam a ele um intercâmbio maior com outros professores da área.

Vale salientar que ao longo deste estudo encontrei professores interessados, que desejam desenvolver um bom trabalho, e que, mesmo com todos os infortúnios da profissão, passam para os seus alunos a importância que a atividade física terá em suas vidas e procura desenvolver nos mesmos o gosto pela mesma.

De posse destas informações, analisando a situação encontrada, eu posso afirmar que as ações governamentais não modificaram em nada a situação das aulas de Educação Física no ensino médio. Práticas como a interdisciplinaridade, o planejamento participativo e o desenvolvimento da autonomia do aluno em relação à atividade física estão distantes da realidade por mim encontrada.

Os professores deste estudo até tiveram contato com os documentos governamentais, principalmente, os Parâmetros Curriculares Nacionais, mas este contato não gerou frutos. Segundo PERRENOUD (1999): *“A história da escola está marcada por momentos de ‘pensamento mágico’ em que cada um quer acreditar que, mudando-se as palavras, a vida também muda”* (p.17).

Talvez os Parâmetros Curriculares tenham sido um destes momentos mágicos, mas como eu constatei: os professores não precisam de “mágica”. O que eles precisam são:

- serem ouvidos. As mudanças na escola só irão acontecer se a iniciativa de mudar, transformar, partir do próprio professor. Só o professor sabe das suas necessidades e anseios;
- ações governamentais propositivas, embasadas em práticas consistentes que propiciem aos mesmos condições para modificarem a sua ação pedagógica; e
- um investimento maior em cursos e capacitações para que os professores tenham contato com as novas teorias da Educação Física, refazendo constantemente o seu aprendizado diante da realidade encontrada na escola.

O que este estudo me deixou bem claro é que, tanto no campo governamental quanto no campo acadêmico, as ações que envolvem o ensino médio

são insipientes, deixando muito a desejar. Faltam pesquisas de ensino, faltam ações governamentais.

As angústias que eu deixei de resolver servirão de base para outras pesquisas: esperava encontrar experiências inovadoras com o ensino médio e que eu pudesse difundi-las, já que neste campo, as inovações são raríssimas; esperava também encontrar um brilho nos olhos dos professores ao falarem do seu trabalho e de sua profissão. Embora tenha encontrado professores apaixonantes e se depender dos mesmos a Educação Física no ensino médio, não deixará de existir.

E, o menino grande que iniciou esta pesquisa porque tinha uma vivência de pé-bola e mão-bola encontrou também respostas, tocou no calcanhar-de-Aquiles, revelando mazelas, mas terminou com uma certeza: é preciso acreditar e a transformação só ocorrerá se o professor modificar a sua prática e ele mesmo acreditar na força da Educação Física escolar brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALANIZ, E. P. **Competência ou qualificação profissional: noções que se opõem ou se complementam.** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/25/tp25.tpm>>. Acesso em 28 jul. 2003.

BETTI, M. **Educação física e sociedade.** São Paulo: Movimento, 1991.

_____. Ensino de primeiro e segundo graus. Educação Física para que? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.13, n. 2, p.282-7, 1992.

_____. Educação física, esporte e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.20, n. 2, p.84-92, 1999.

BETTI, I. C. R. ;BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.2, n.1, p.10-5, 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 03, de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Revista de Educação - APEOESP**, São Paulo, n.10, p.68-72, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Ensino médio.** Disponível em <<http://www.mec.gov.br/semtec>>. Acesso em 12 dez. 2002a.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio.** Brasília: MEC/SEMTEC, 2002b.

BUARQUE DE HOLANDA, A. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

CARVALHO, J.S. O discurso pedagógico das diretrizes curriculares nacionais: competência crítica e interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p.155-65, 2001.

CELANTE, A. R. **Educação física e cultura corporal: uma experiência de intervenção pedagógica no ensino médio.** 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1995.

CORREIA, W.R. Planejamento participativo e o ensino de educação física no 2º grau. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, p.43-8, 1996. Suplemento 2.

_____. **A educação física no ensino médio: discutindo a questão dos saberes escolares.** 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

COSTA, C. M. Educação física diversificada, uma proposta de participação. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 4., 1997, São Paulo. **Anais...** São Paulo: EEFUEUSP, 1997. p.47.

DAÓLIO, J. A importância da Educação Física para o estudante que trabalha - uma abordagem psicológica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.8, n.1, p.134-9, 1986.

DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; FIORIN, G. Educação Física no ensino médio: reflexões e ações. **Motriz**, Rio Claro, v. 5, p.138-145, n.2, 1999.

DUARTE, M. **O calcanhar-de-Aquiles.** Disponível em: <<http://www.guiadoscuriosos.com.br>>. Acesso em 24 out. 2002.

ECKERT, H. M. **Desenvolvimento motor.** São Paulo: Manole, 1993.

FAW, T. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência.** São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1981.

FAZENDA, I.C.A. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade.** São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria.** São Paulo: Loyola, 1991.

FERRAZ, O. L. **Educação física na educação infantil e o referencial curricular nacional**: significado para os professores. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERREIRA, B. W. **O cotidiano do adolescente**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FERREIRA, L. A. **Reencantando o corpo na educação física**: uma experiência com práticas corporais alternativas no ensino médio. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

FRANCO, M. L. P. B. O ensino médio no Brasil e a nova LDB. **Revista de Educação - APEOESP**, São Paulo, n.10, p.38-42, 1999.

GONÇALVES, C. L.; PIMENTA, S. G. **Revedo o ensino de 2º Grau**: propondo a formação de professores. São Paulo: Cortez, 1992.

HILDEBRANDT, R. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

INEP. **Grandes números da educação básica – 2001 – Brasil**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em 12 dez. 2002.

JOSGRILBERT, M.F.V. Atitude. In: FAZENDA, I.C.A. (Org.). **Dicionário em construção**: interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

KUENZER, A. Z. **Ensino médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, J.C. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIPP, M. N. **Stress, hipertensão arterial e qualidade de vida**: um guia de tratamento para o hipertenso. Campinas: Papirus, 1996.

MADEIRA, F. R.; RODRIGUES, E. M. Adolescentes brasileiros: quantos são, onde e como estão. **Perspectivas em saúde e direitos reprodutivos**, São Paulo, v.1, n. 2, p.49-55, 2000.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

NASCIMENTO, J.V. Contexto de mudança da educação física escolar: o caso dos parâmetros curriculares nacionais. **Kinesis**, Santa Maria, v.22, p.185-91, 2000.

OKUMA, S.S. Significado da experiência: outra visão sobre vivências práticas no curso de graduação em educação física. **Cademo Documentos**, São Paulo, n. 2, p.28-33, 1996.

OLIVEIRA, A. A. B. **Educação física no ensino médio – período noturno: um estudo participante**. 1999. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PEREIRA, E. W; TEIXEIRA, Z. A. A educação básica redimensionada. In: BRZEZINSKI, I. (Org.). **LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. São Paulo: Cortez, 2000.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **A arte de construir competências**. Disponível em [http: <http://www.uol.com.br/novaescola/ed135_set00/html/perre_portugues.Doc.>](http://www.uol.com.br/novaescola/ed135_set00/html/perre_portugues.Doc.>). Acesso em 14 jul. 2003.

PIKUNAS, J. **Desenvolvimento humano: uma ciência emergente**. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1979.

PILETTI, N. **Estrutura e funcionamento do ensino médio**. São Paulo: Ática, 2000.

POSSEBON, M.; CANDURO, M. T. Educação física no ensino médio. **Kinesis**, Santa Maria, v.25, p.130-47, 2001.

RANGEL-BETTI, I. C. **Educação física e o ensino médio**: analisando um processo profissional. 1998. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

RESENDE, H.G.; SOARES, A.J.G. Conhecimento e especificidade da educação física escolar, na perspectiva da cultura corporal. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, p.49-59, 1996. Suplemento 2.

ROSSETI, F. 56% dos alunos querem mudar o 2º grau. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 dez. 1996. Cotidiano, p.10.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. Resolução nº 07 de 1998. Estabelece diretrizes para a reorganização curricular dos cursos de ensino médio da rede estadual de ensino. **Revista de Educação - APEOESP**, São Paulo, n.10, p.75-7, 1999.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta curricular para o ensino de educação física - 2o grau**: versão preliminar. São Paulo: SE/CENP, 1994.

SCHONARDIE FILHO, L. **Educação física na 1ª série do ensino médio**: uma prática por compromisso. 2001. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI, L.; ESCOBAR, M.; O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, P. R. O novo ensino médio brasileiro. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 set. 1999a, p. a13.

SOUZA, R. F. Uma agenda crítica para a discussão das diretrizes curriculares para o ensino médio. **Revista de Educação - APEOESP**, São Paulo, n.10, p.29-37, 1999b.

TANI, G. Vivências práticas no curso de graduação em educação física: necessidade, luxo ou perda de tempo. **Caderno Documentos**, São Paulo, n.2, p.1-22, 1996.

TIBA, I. **Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial**. São Paulo: Ágora, 1986.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ZAIM DE MELO, R. **Educação física na escola: conteúdos adequados ao 2º grau**. 1997. Monografia (Graduação) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

_____. Rogério. A diversidade de conteúdos de Educação Física no eixo Rio Claro, SP – Ponta Porã, MS. In: FORUM MINEIRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2002, Viçosa. **Anais...** Viçosa: UFV, 2002. p.299.

ANEXO I – Roteiro de Entrevista

Idade:

1. Onde realizou o curso de graduação?
2. Quando o concluiu?
3. Quais as disciplinas mais importantes na sua formação? Por quê?
4. O que aprendeu na graduação e mais utiliza nas suas aulas com o Ensino Médio?
5. Possui pós-graduação? Em que nível? Onde e quando a realizou? Qual o enfoque da mesma?
6. Realiza cursos de atualização? De quanto em quanto tempo? Se não faz, por quê?
7. Participou de algum curso de atualização/capacitação realizado pelo Estado nos últimos 5 anos?
8. Em que áreas da Educação Física estão estes cursos?
9. Possui acesso a revistas especializadas da área? Quais?
10. Trabalha somente na rede pública? Há quanto tempo? Número de aulas?
11. Trabalha em alguma área da Educação Física que não seja escolar? Qual? Este emprego influencia nas suas aulas?
12. Trabalha somente com Ensino Médio? Sente dificuldades em trabalhar com o Ensino Médio? Quais?
13. Teve contato com os documentos: LDB? DCNs? E PCNs?
14. Quais são os objetivos do novo Ensino Médio?
15. De que maneira a Educação Física pode contribuir para que esses objetivos aconteçam?
16. Qual é o papel do professor dentro deste processo?
17. Na elaboração do planejamento das aulas os alunos participam? De que maneira?
18. Quais são os principais conteúdos trabalhados nas suas aulas?
19. Desenvolve projeto em conjunto com as outras disciplinas?

ANEXO I – Roteiro de Entrevista (Cont.)

20. O que se espera que o aluno leve com ele, no término do ensino médio, com relação à Educação Física?
21. É possível o aluno-adolescente ao terminar o ensino médio ter autonomia em relação a sua prática de atividade física?
22. O que é necessário para melhorar a Educação Física no ensino médio?

ANEXO II – Carta de apresentação

São Paulo, 7 de agosto de 2002.

Prezados Senhores,

Sirvo-me da presente, para apresentar o portador desta, Professor Rogério Zaim de Melo, mestrando do curso de Pós-graduação da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo (EEFEUSP).

O projeto de pesquisa do Prof. Rogério diz respeito à realidade das aulas de Educação Física no ensino médio frente as novas políticas educacionais.

O referido professor necessita efetuar coleta de dados constando de: análise dos diários de classe e entrevista com os professores.

A instituição dirigida por V. Sa. foi escolhida aleatoriamente como parte integrante da amostra de representação do Projeto. Assim sendo, solicito a preciosa colaboração de V.Sa. no sentido de autorizar o contato do Prof. Rogério com os professores desse Estabelecimento.

O delineamento da pesquisa foi montado de tal forma que a coleta de dados não implicará em prejuízo das atividades dos entrevistados, bem como as informações serão mantidas em absoluto sigilo científico.

Na certeza da boa acolhida desta solicitação, antecipo meus agradecimentos e aproveito a oportunidade para enviar protestos de apreço.

Atenciosamente,

Professora Doutora Ana Cristina Arantes
- Orientadora -

ANEXO III - Entrevistas

As entrevistas encontram-se na íntegra com destaques em negrito para os conteúdos manifestos.

Professor 1

Entrevista realizada no dia 20 de agosto de 2002, na sala de materiais de Educação Física. Iniciada as 7h40min e finalizada as 8h30min, com interrupção durante a troca de aulas para que a professora acomodasse a nova turma. Durante toda a entrevista os alunos estavam jogando voleibol, um grupo jogava e o restante assistia.

Idade: 37 anos

Onde realizou o curso de graduação?

Aqui em Jundiaí mesmo, na ESEF (Escola Superior de Educação Física).

Quando o concluiu?

Em 87.

Quais as disciplinas mais importantes na sua formação? Por quê?

É difícil falar né! Qual é a mais importante? Quais são as mais importantes? Eu acho que todas têm a sua importância. No meu caso, tem sempre aquela que a gente se identifica mais, né! **Aquele esporte que a gente gosta mais, né!** Teve sim alguns professores que se destacaram que a gente aprendeu um pouco mais com eles. **Eu gostava muito de vôlei, a natação para mim foi muito marcante** também porque eu tinha muito medo da água e aí eu perdi este medo da água na faculdade. Depois eu me tomei uma professora de natação e dei aula de hidroginástica então, é uma coisa assim, a gente superar dificuldades.

O que aprendeu na graduação e mais utiliza em suas aulas com o Ensino Médio?

Eu acho que com a faculdade eu aprendi mais assim a **parte teórica, de regras, de... mais, teórica mesmo. Depois com as aulas é que veio realmente a aprendizagem que a gente aprendeu muita coisa, que é a metodologia, que é a didática**

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

principalmente no ensino médio. Porque se você trabalha de 5ª a 8ª, você tem mais facilidade em aplicar do que no ensino médio, tudo o que você aprendeu na faculdade. O ensino médio para mim foi assim uma nova escola. Hoje eu trabalho muito, eu gosto de trabalhar muito com o ensino médio, aliás, eu prefiro até do que de 5ª a 8ª, mas porque eu aprendi, porque se você chega sem experiência alguma no ensino médio, é difícil.

Possui pós-graduação? Em que nível? Onde e Quando a realizou? Qual o enfoque da mesma?

Não, não tenho.

Realiza cursos de atualização? De quanto em quanto tempo? Se não, Por que não faz?

No momento eu não estou fazendo, estou sentindo falta, estou precisando fazer. Neste ano a única coisa que eu fiz, foi em termos de informática. Mas a nível de Educação Física eu estou devendo. O último curso que eu fiz foi de recreação, mas faz bastante tempo. Eu não faço cursos porque estou com dificuldades financeiras, no momento só eu trabalho em casa, e também por falta de tempo. Quando o Estado propicia alguma coisa eu faço, por exemplo, teve um sobre campeonatos escolares e a respeito de regras. O que aparece na escola em termos de Estado eu estou fazendo, mas está faltando muita coisa, a gente precisa de mais.

Possui acesso a revistas especializadas da área? Quais?

Não.

Trabalha somente na rede pública? Número de aulas que possui? Há quanto tempo?

Agora sim , já trabalhei em academias. Possuo 33 aulas (5^{as}, 8^{as}, 2^{os} e 3^{os}). Estou na escola há 12 anos.

Trabalha em alguma área da Educação Física que não seja a escolar? Qual? Este emprego influencia nas suas aulas?

Não

Trabalha somente com Ensino Médio?

Não tenho 5ª série e 8ª série também.

Quais são as dificuldades em trabalhar com o Ensino Médio?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Olha eu posso dizer a você, eu fui muito feliz com ensino médio, eu acho. Eu acho assim **você precisa de cursos**, eu acho, excelentes cursos. Mas eu aprendi tanto com a minha vivência aqui dentro com outros colegas, que a gente tá sempre, eu estou sempre me comunicando com colegas, a gente sempre tá trocando experiências com outras escolas inclusive. É, agora eu senti muita dificuldade no início com ensino médio, **as dificuldades eram de relacionamento porque são adolescentes**, eram. Graças a Deus hoje eu não tenho mais, muito difícil acontecer de eu confrontar com um aluno, ter discussão, muito difícil, esse ano eu não lembro de nenhum caso e o ano passado também. Então eu digo o seguinte eu me realizei com o ensino médio. No início as dificuldades eram: **fazer com que o aluno fizesse a aula**, participasse da aula porque o ensino médio eles não têm a mesma disposição de exercer a Educação Física do que uma 5ª série, uma 5ª, uma 6ª conforme vão se passando os anos as dificuldades aumentam **a nível de fazer com que o aluno participe**, agora você presenciou uma aula de 2º colegial, no qual acredito que 80% da classe está participando, eu fiz um **alongamento** no início da aula no qual 99% da classe participou, 1% tem uma gestante e um aluno que está com problemas no joelho. Então quer dizer eu superei esta dificuldade e acredito estou muito feliz comigo. Estou realizada profissionalmente neste sentido do ensino médio, de fazer com que eles participem da aula porque eu, quando eu dou uma aula de Educação Física, eu não visio a **minha prioridade não é formar atletas, não é meia dúzia de pessoas que tem facilidades no esporte**. Não é essa a minha intenção, **a minha intenção é fazer com que a classe se entrose, a classe tenha prazer em participar cada um no seu nível, cada um na sua potencialidade, sem ficar exigindo que um seja melhor que o outro**, aquela disputa, e, sim um relacionamento bom entre eles, que eles gostem de participar da aula. Então é um 2º C uma classe que dá problemas na sala de aula, os professores reclamam pra caramba, mas a gente teve uma, assim, tive essa, esse prazer de aprender com eles e fazer com que eles participassem da aula.

Teve contato com os documentos: LDB? DCN? e PCNS?

Sim, tive. Normalmente nas nossas HTPCs a gente discute. E o **nosso planejamento foi feito em cima dos PCNs**.

Quais são os objetivos do novo Ensino Médio?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Eu acredito que seja preparar o aluno para a vida lá fora, né? E várias outras coisas, né? Tem que ter assim uma noção visando o trabalho, o futuro profissional do aluno, mas mais eu acredito que seja preparar o aluno para a vida lá fora.

De que maneira a Educação Física pode contribuir para que esses objetivos aconteçam?

Nossa a Educação Física na minha opinião é muito importante, muito importante, de todas (pausa para a mudança de aula). Olha, a gente trabalha, eu trabalho muito em Educação Física indicar valores, força de vontade, vencer obstáculos, eu trabalho muito isto. Às vezes tem aquela aluninha lá, acanhada, quietinha que nunca jogou, que nunca teve aquele incentivo por parte do professor por ser 45 alunos as vezes, né? Então eu trabalho muito isso, é aquela aluninha que eu vou trabalhar, então é com ela que eu vou conversar, tentar de uma forma ou de outra colocá-la no grupo, sabe? Então aí o que é que acontece ela vai começar a se relacionar socialmente, aquela pessoa que tem uma dificuldade grande. Isso a gente só pode trabalhar em Educação Física dentro de uma sala de aula é muito difícil trabalhar isso, sabe? Então eu coloco bem para os alunos que não precisa saber jogar. Não precisa ser o melhor. Você precisa ter força de vontade para poder participar. Então a minha nota, nota de Educação Física, eu sou muito rigorosa em relação a nota. Olha eu queria que você olhasse meu diário de classe, olha as minhas anotações, eu anoto todas as aulas, participação de todos, a minha nota é tudo em cima disto, e de algum trabalho, de alguma outra coisa que a gente venha fazer, é muito relacionado a participação do aluno, e eu incentivo muito esta participação, eu trabalho pra caramba porque eles não param um minuto, estou sempre conversando, sempre tentando introduzir. Então o quê que a Educação Física colabora para que esse indivíduo tenha sucesso na hora que ele sair da escola. Eu acho que a disciplina que mais colabora em termos de valores, de ética, de força de vontade, de vencer obstáculos sabe porque é muito difícil para o aluno que não consegue dar um toque, não consegue dar uma manchete ir lá jogar o vôlei, é muito difícil e a gente consegue fazer isso, porque ele vai e ele faz o que dá. E, às vezes, ele surpreende o professor porque ele não sabe, mas não é que ele não sabe porque ele não tenha facilidade para fazer, é porque ele nunca teve o incentivo para ele ir lá e tentar fazer.

Qual é o papel do professor dentro deste processo?

O papel de educador, é o papel de educador, isto aí faz tudo parte da educação. Eu acho que é o intermediário, e eu gosto muito de ser amiga dos meus alunos, eu

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

gosto muito disso. Eu acho assim é difícil um professor de Educação Física atingir o seu objetivo que é esse de **fazer com o aluno tenha facilidade na hora que ele sair de se relacionar socialmente e ter todos estes valores que a gente tenta colocar se o professor não for amigo do aluno**. Ele nunca vai chegar no aluno para conversar, para ver qual é a dificuldade, é o **papel de psicólogo**, que a gente tem uma certa ahh! Não vou dizer psicólogo, tem esta parte da psicologia que a gente trabalha porque você tem que tentar saber qual é o problema? Por que ele não quer participar? Por que ele está tão isolado na quadra?

Na elaboração do planejamento das aulas os alunos participam?

Do planejamento? **Não, normalmente não. Eu faço é usar a minha experiência do ano anterior com os alunos** e também eu nunca faço sozinha o planejamento, eu sempre faço com uma colega da área. Às vezes, eu estou sozinha numa escola porque Educação Física tem um professor na escola inteira, daí o que eu faço, eu tenho muitos colegas nas escolas e a gente troca.

Você nunca experimentou fazer planejamento participativo?

Com eles? Não, mas eu não faço com eles aí presentes, eles não estão presentes na hora que eu estou fazendo, mas **eu levo muito em consideração a opinião deles, o que eles gostam**, também as minhas aulas não são jogadas, não é aquela coisa que eu pego três, quatro bolas e jogo lá na quadra, eu tenho um planejamento, eu tenho o bimestre, normalmente eu **divido as modalidades esportivas**, porque não é futebol, hoje nós estamos jogando **vôlei**, né? Não é **futebol** o ano inteiro porque eu sei que tem lugares que é futebol o ano inteiro, a bola de **vôlei** fica novinha, de **handebol** então, novíssima, **basquete**, não mas olha: **1º bimestre foi voleibol, o 2º bimestre foi handebol, o 3º bimestre que é esse é futebol**. Só que eu faço assim dentro de cada bimestre eu faço algumas aulas livres, entendeu? Então hoje é uma aula livre dentro do bimestre do **futebol**, tá, eles já sabem o que eles vão aprender em cada bimestre. Isso não quer dizer que eu não trabalhe **ginástica**, que eu não trabalhe **tênis de mesa**, que eu não trabalhe **xadrez**, às vezes o aluno que está doente entendeu? Ou então sente dificuldade, a gente está no processo ainda de fazer com que ele se entrose, então a gente começa lá de baixo com um xadrezinho, aí ele fica com dois, depois o grupo vai aumentando e ele vai se entrosando socialmente.

Desenvolve projeto em conjunto com as outras disciplinas?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Fazemos sim, o próprio interclasse a gente trabalha junto com outras disciplinas. Fiz parte do projeto lixo, para fazer com que estes alunos dêem mais valor ao patrimônio da escola, é um projeto no qual a gente trabalha a higiene, isto aqui são guardanapos que eu comprei para quando tiver lanche, o que acontece? Eles não querem parar a aula de Educação Física né? Você pode falar vamos lavar a mão vai um pouco, um pouco não vai. Então eu comprei para que eles não peguem no lanche de mão suja né? Então isto daqui faz parte do projeto. E sempre que as HTPCs a gente está sempre se enturmando, sempre dentro de outros projetos, por exemplo nós fizemos um passeio no Hopi Hari, então eu fui junto, na maioria das vezes a gente tá dentro.

O que se espera que o aluno leve com ele, no término do ensino médio, com relação a Educação Física?

Ele tem que sair com maior habilidade, ele tem que ter, a parte física dele tem que ser melhorada, tem tudo isso, a parte respiratória, a cardiovascular, tudo isso sim. Mas não sei se você percebeu como que eu sou, eu dou muito valor para esta parte de valores, da parte emocional, da parte de fazer com que o aluno cresça na sua personalidade, fazer com que ele tenha uma auto-estima, fazer com que ele tenha auto confiança. Então, a gente trabalha muito isso, eu não querendo valorizar mais a minha disciplina, mas eu acho que esta parte nós temos maior possibilidades que em outras disciplinas.

É possível o aluno-adolescente ao terminar o Ensino Médio ter autonomia em relação a sua prática de atividade física?

Eu acho que ele, a gente faz tudo para que sim, mas eu acredito que não seja uma totalidade, ele vai ter um conhecimento bem maior né? Agora como nas outras disciplinas tem sempre aquele aluno que consegue acatar mais e que consegue acatar menos.

Mas ele vai conseguir gerenciar a atividade física dele?

Não, gerenciar é muito, ele vai conseguir conhecer o seu corpo, ele aprende a se conhecer melhor, o seu corpo. Gerenciar uma atividade física é muito amplo, não sei se vai sair com tudo isso. Gerenciar é difícil até para a gente. Mas ele vai sair com um conhecimento bem maior do seu próprio corpo.

O que é necessário para melhorar a Educação Física no Ensino Médio?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Eu vou ser bem franca com você: é o respeito mútuo. O que falta um pouco é o aluno tem que respeitar o professor, mas o professor tem que respeitar primeiro, somos nós que estamos ensinando, o respeito tem que partir da gente.

Professor 2

Entrevista realizada no dia 23 de agosto de 2002, na sala da vice-diretora. Iniciada as 7h30min e finalizada as 8h15min, sem interrupção.

Idade: 37 anos

Onde realizou o curso de graduação?

Em Jundiaí na ESEF (Escola Superior de Educação Física). Fiz também pedagogia na Faculdade Anchieta.

Quando o concluiu?

Em 1985.

Quais as disciplinas mais importantes na sua formação? Por que?

Eu gostei muito da aula de anatomia, fisiologia humana, inclusive eu fiz cursos depois para estar trabalhando com as crianças e, das aulas praticas eu me identifiquei com todas, não tem assim uma em especial, com exceção do futebol, que não tinha na minha época eu tive uma dificuldade agora para estar trabalhando com o futebol, na minha época não tinha eu era dispensada por ser mulher.

O que aprendeu na graduação e mais utiliza em suas aulas com o Ensino Médio?

A didática de como conversar com o adolescente que não tem que chegar assim batendo de frente, você tem que conversar, educar, trazer para a classe para o seu ambiente, isso eu uso muito ainda.

Possui pós-graduação? Em que nível? Onde e Quando a realizou? Qual o enfoque da mesma?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Eu possuo **especialização em recreação** e também em GRD. Fiz logo que formei em 86, na FEFISA (Faculdade de Educação Física de Santo André).

Realiza cursos de atualização? De quanto em quanto tempo?

Eu **procuro fazer todas as capacitações que o Estado coloca**, mas **cursos assim eu não tenho tempo de me deslocar para fazer**, em Jundiaí infelizmente não tem muitos cursos dentro desta área, eu moro sozinha e não tenho como sair.

Participou de algum curso de atualização/capacitação realizado pelo Estado nos últimos 5 anos?

Fiz um de **Educação Física multi-seriada, recreação, mas de Ensino Médio nenhum.**

Possui acesso a revistas especializadas da área? Quais?

Eu **pesquisei na internet**, procuro tudo o que eu preciso por ali. **Mas não que eu assinasse alguma revista da minha área.**

Trabalha somente na rede pública? Número de aulas que possui? Há quanto tempo?

Somente na rede pública. Estou há 15 anos e possuo 33 aulas (06 aulas de **ensino médio e o restante de fundamental**).

Trabalha em alguma área da Educação Física que não seja a escolar? Qual? Este emprego influencia nas suas aulas?

Eu **tenho uma turma de ginástica para senhoras**, uma turma de **mães de alunos**, na escola pública também. **Influencia positivamente**, eu trabalho com as mães dos meus alunos, então é **uma forma de eu fazer um círculo de amizades** com elas, uma socialização.

Trabalha somente com Ensino Médio?

Não, 06 aulas de **ensino médio e o restante de fundamental**.

Quais são as dificuldades em trabalhar com o Ensino Médio?

O **aluno do ensino médio vem conversar conosco de uma forma mais agressiva**, eu **sinto muita dificuldade de trabalhar com um “cavalão” de dezesseis anos que vem: “Ô professora qual que é a tua?”**.

Teve contato com os documentos: LDB? DCN? e PCNS?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Nos nossos HTPCs, que são três horas por semana, **onde a coordenadora, sempre que sai com alguma coisa nova**, faz com que a gente discuta. **Eu uso muito os PCNs, sempre que eu tenho necessidade eu vou lá e consulto.**

Quais são os objetivos do novo Ensino Médio?

Eu penso que é **preparar para a vida, para o trabalho e não só para o vestibular.**

De que maneira a Educação Física pode contribuir para que estes objetivos aconteçam?

Interdisciplinando com as outras matérias o que é que o professor de biologia está trabalhando, fisiologia do corpo humano, legal, o que a Educação Física pode ajudar. Deve existir um contato senão, não há objetivo, eu estou trabalhando individual numa escola, eu sou uma ilha. **Então eu tenho que estar em contato com o professor de português, com o professor de biologia, o professor de matemática, para poder estar usando isto nas minhas aulas também.** Eu acho que isso vai ajudar este aluno a crescer.

Qual é o papel do professor dentro deste processo?

Conscientizando os alunos, no início do ano eu tenho, eu entro e conscientizo os meus alunos da maneira que eles devem estar vestidos na minha quadra, o porquê que eles tem que estar de tênis, de meia, de bermuda e camiseta, porque que ele não deve estar de calças jeans, isso é uma conscientização. E depois nós vamos para aula a prática, de que maneira, eu vou trabalhar com o corpo, mas eu quero trabalhar com bola, com coordenação, com lateralidade.

Na elaboração do planejamento das aulas os alunos participam?

Não, porque o planejamento é feito logo no início do ano ou no ano anterior, há uma flexibilidade, mas **ele já está pronto no início do ano.**

Quais são os principais conteúdos trabalhados nas suas aulas?

Ginástica, conscientização do corpo e alguns esportes.

Desenvolve projeto em conjunto com as outras disciplinas?

Fizemos um grande, da copa do mundo. Os projetos são discutidos em HTPCs, agora nós vamos desenvolver **um projeto do Folclore.**

O que se espera que o aluno leve com ele, no término do ensino médio, com relação à Educação Física?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Que ele tenha **conceitos de ser humano, desenvolvimento físico e que ele tenha se identificado com algum esporte, alguma atividade física.**

É possível o aluno-adolescente ao terminar o Ensino Médio ter autonomia em relação a sua prática de atividade física?

Hoje eu acho que não, **ele não está preparado para isso, falta preparação do professor**, por causa disto os alunos não estão saindo. Nesta escola eu não consigo trabalhar programas de atividade física (só tenho 06 aulas nesta escola).

O que é necessário para melhorar a Educação Física no Ensino Médio?

Vontade do professor e cobrança do professor, ele se acomodou. Ele não cobra cursos, capacitações, vontade dele mesmo de pegar um livro se atualizar. E também tem o problema de falta de tempo, pois não somos liberados para fazer cursos.

Professor 3 e Professor 4

Entrevista realizada no dia 21 de agosto de 2002. Iniciada as 7h30min e finalizada as 8h15min, sem interrupção. Nesta escola os professores de Educação Física fizeram questão de serem entrevistados juntos, pois, segundo eles, o trabalho não é individual e sim, em equipe.

Idade:

Professor 3: 42 anos

Professor 4: 47 anos.

Onde realizou o curso de graduação?

P3: Meu curso foi aqui na ESEF (Escola Superior de Educação Física).

P4: Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Quando o concluiu?

P3: Eu conclui em 79.

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

P4: Em 77.

Quais as disciplinas mais importantes na sua formação? Por quê?

P3: Anatomia, Fisiologia e as disciplinas práticas.

P4: Para mim além de **fisiologia e anatomia** que eu gostava muito, o que mais me prendeu foram **as matérias práticas**, eu gostava muito de voleibol e ainda gosto muito, eu me identifiquei muito com as aulas de voleibol. A minha prática de ensino na faculdade não foi muito adequada, bem abaixo do esperado, então **as aulas práticas, ótimos professores de vôlei, de basquete que me prenderam mais.**

O que aprendeu na graduação e mais utiliza em suas aulas com o Ensino Médio?

P3: Nada, falando francamente nada. O que a gente faz hoje, são experiências que nós fomos adquirindo com o passar do tempo, com cada aula dada cada dia, é verdade.

P4: A graduação deixou um pouco a desejar, no início você aplica muito aquilo que aprende, mas depois com a vivência, com o tempo, com a experiência que a gente vai adquirindo ao longo dos anos, você vai se adaptando à realidade, porque hoje é muito diferente de quando eu me formei, então a gente vai tendo esta adaptação e no ensino médio o trabalho com **os jovens hoje em dia tem que ser bem diferenciado porque hoje ele está muito mais exigente, mais crítico, às vezes a gente pega grupos que não têm interesse nenhum em praticar nada**, então você tem que achar um jeito que ele tenha este interesse e isto você vai aprendendo com a experiência e **graduação não te dá isto.**

Possui pós-graduação? Em que nível? Onde e Quando a realizou? Qual o enfoque da mesma?

P3: Não.

P4: Eu tenho **especialização em futebol**, sou técnico de futebol diplomado.

Realiza cursos de atualização? De quanto em quanto tempo?

P3: Quando tem, nós fazemos, **no momento eu estou sem fazer cursos.**

Participou de algum curso de atualização/capacitação realizado pelo Estado nos últimos 5 anos?

P3: **Eu participei do PEC** (programa de educação continuada) que era do ensino fundamental ao médio.

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

P4: Não, o Estado deixa um pouquinho a desejar com relação ao ensino médio, **não tem cursos de atualização**, pelo menos eles não estão proporcionando isto e **tudo o que se faz é em torno do ensino fundamental**, então o ensino médio tem sido deixado de lado neste aspecto de atualização, nós temos oficinas pedagógicas, HTPCs de Educação Física, mas a maioria das oficinas que a gente participa são voltadas para o ensino fundamental. **Eu acho que o Estado está nos deixando um pouco na mão neste aspecto.**

Possui acesso a revistas especializadas da área? Quais?

P3: Não.

P4: Eu tenho, **eu assino Boa Forma**, e leio com frequência a **Life Sports**.

Trabalha somente na rede pública? Número de aulas que possui? Há quanto tempo?

P3: **Somente**, há \pm 18 anos, **eu tenho carga completa**.

P4: **Trabalho na rede pública**, há 24 anos com carga completa e na **Faculdade de Medicina de Jundiaí**.

Trabalha em alguma área da Educação Física que não seja a escolar? Qual? Este emprego influencia nas suas aulas?

P3: **Só a escolar**

P4: **Eu apito voleibol, trabalho na Federação Paulista de Voleibol**. Influencia na medida em que **toda vez que tem uma atualização no voleibol eu trago para cá**. **Eu fico sabendo já logo de imediato**.

Trabalha somente com Ensino Médio?

P3: **Sim**.

P4: **Não, tenho duas aulas na Faculdade de Medicina de Jundiaí** em que eu **trabalho com condicionamento físico**.

Quais são as dificuldades em trabalhar com o Ensino Médio?

P3: Eu não tenho dificuldades em trabalhar com ensino médio, eu professora não, porque a gente se relaciona super bem com os alunos a gente trabalha com diferentes tipos de aula, busca a criatividade para superar as defasagens deles, porque ultimamente a gente não vê mais a quadra como trabalho, a gente vê mais o ser humano como trabalho. **Material nós não temos, material que vá satisfazê-los, por exemplo, a bola para eles**

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

não é mais tão importante; hoje em dia eles visam uma mini academia, eles querem utilizar mais aparelhos ginásticos do que a bola. Então a dificuldade da gente seria de ter uma mini academia, aqui na escola para trabalhar ginástica mesmo, para ser uma parte de lazer deles mesmo, porque muitos não podem freqüentar uma academia. As necessidades dos alunos mudaram a bola não é tão importante como era antigamente.

P4: O aluno adolescente nesta faixa etária está mais crítico, então ele já exige mais, a porcentagem daqueles que gostam de fazer Educação Física diminuiu em relação a alguns anos atrás, mas por outro lado a gente tá tentando oferecer outras atividades, algumas coisas extras para que eles possam participar. A dificuldade maior que eu tenho hoje é que este aluno não tem coordenação motora adequada para esta idade dele, isso é muito em função, eu penso, que ele não teve um trabalho básico adequado. Eu senti muito quando o governo tirou da grade curricular básica a Educação Física para o CB.

Teve contato com os documentos: LDB? DCN? e PCNS?

Nós já tivemos, nas nossas HTPCs nós sempre discutimos as novidades, nossa coordenadora está sempre fazendo cursos, é uma pessoa muito interessante no aspecto profissional, ela traz muita informação para a gente. Houve discussões, os PCNs também nós lemos ele todinho, sobre Educação Física, a gente discutiu bastante.

Quais são os objetivos do novo Ensino Médio?

P3: Não, eu não me lembro, tem a ver com a cidadania.

Rogério: os objetivos são...

De que maneira a Educação Física pode contribuir para que esses objetivos aconteçam?

P3: Olha como nós trabalhamos aqui a gente dá uma idéia para o aluno sobre o que é necessário para melhorar a qualidade de vida dele, a gente mostra para ele que ele tem um corpo e que este corpo vai ser útil para ele desenvolver qualquer habilidade que ele necessite, qualquer área que ele queira utilizar o corpo dele. Eu sempre falo para meu aluno: eu não quero que você seja um atleta, aqui você não vai ser um atleta, se você fosse um atleta, você já estaria jogando em algum clube. Eu quero que você sinta a importância disto que você está fazendo, a melhoria que isto tudo vai proporcionar para você, porque se vocês continuarem neste ritmo de não fazer nada, o corpo de vocês não responderá ao mínimo esforço que você precisa dele.

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

P4: A formação que a gente procura fazer é **que o aluno sinta a necessidade de ter uma saúde, um corpo com saúde, não como máquina de fazer ginástica, esporte.**

Qual é o papel do professor dentro deste processo?

P4: É bem de informar, passar a informação correta para o aluno (P3: Informar e formar, a gente informa e forma). Eu acho importante que ele sinta para ele próprio a necessidade de uma qualidade de vida, a gente trabalha muito isso **falamos muito para o aluno sobre qualidade de vida, porque se ele não tiver uma qualidade de vida boa, adequada ele não vai conseguir exercer uma função em qualquer área que seja.** Então, a gente passa muito isso para eles, fazendo com que ele sinta prazer em fazer a atividade física, por isso que a gente dá muita abertura para ele, esta semana a gente vai trabalhar isso mas se você não gosta tem outra opção, **a gente trabalha no mínimo três atividades por aula.**

Na elaboração do planejamento das aulas, os alunos participam?

P3 e P4: Não.

Quais são os principais conteúdos trabalhados nas suas aulas?

P4: A gente trabalha **os quatro esportes básicos** divididos semanalmente. A gente já faz um cronograma do semestre todinho, então o aluno já sabe o que ele vai praticar tal dia. Paralelo a isso **caminhadas, danças, concurso de músicas, paródias, atividades com cordas, esportes individuais, ginástica** englobando **condicionamento físico, alongamento.** Através de um aluno estamos trabalhando **artes marciais**, tudo isso para **tentar que o aluno tenha interesse em alguma área.**

P3: Nós temos **um grupo de dança** em que as meninas estão trabalhando desde o início do ano. Com isso nós **procuramos jogar fora aquele professor autoritário para dar lugar àquele professor flexível, educador mesmo, que dá abertura para os alunos se posicionarem perante as aulas.** É esse o nosso objetivo.

P4: Nós não somos autoritários, mas somos um pouco duros **a gente exige que pelo menos uma atividade física, ele pratique.**

Desenvolve projeto em conjunto com as outras disciplinas?

P3: **Nos envolvem normalmente porque nós estamos sempre prontos para tudo, mas faltam objetivos,** porque a Educação Física está entrando com a Matemática,

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

com o Português. Qual é o nosso papel neste processo? Isto ainda não está claro, mas de qualquer forma nós estamos em tudo o que a escola desenvolve. **Nós temos uma dificuldade muito grande aqui na escola de trabalharmos o coletivo, cada professor só quer saber de fazer o seu, dar a sua aula e acabou.**

O que se espera que o aluno leve com ele, no término do ensino médio, com relação à Educação Física?

P3: Eu espero que ele leve muita confiança. Eu espero que ele se sinta capaz para tudo na vida porque o que a gente tenta passar no decorrer das aulas de Educação Física são desafios e nós gostaríamos que ele vença obstáculos, que ele não fuja, que ele procure enfrentar desafios, que ele seja bastante consciente em tudo na vida dele.

P4: O gosto pela atividade física.

É possível o aluno-adolescente ao terminar o Ensino Médio ter autonomia em relação a sua prática de atividade física?

P3: Por enquanto ainda não. Ele não é especializado.

P4: Eu acho que não tem condições e nem deve, quando ele quiser fazer uma atividade física, ele deve procurar um profissional, uma academia. Ele não deve ter a iniciativa de fazer sozinho uma atividade, sem uma orientação. É meio arriscado ele tomar a iniciativa. Porque o que a gente passa para ele é que tenha o interesse em praticar uma atividade física, o prazer em fazer atividade física. Agora, jamais eu falaria para ele fazer sozinho alguma coisa, mesmo porque a gente nunca sabe até onde ele pode chegar, ele não está capacitado para fazer sozinho.

O que é necessário para melhorar a Educação Física no Ensino Médio?

P3: Seria mais vontade, nós temos que ter um apoio, eu gostaria de ter um apoio. Melhorando, o aluno vai participar. Como é que vai melhorar se o Ciclo Básico perdeu a aula com o especialista? Sendo que a base é o primário, e a criança passa batida pelos quatro primeiros anos da escola, sem Educação Física, e o nosso aluno está sofrendo por causa disto.

P4: Dois pontos – primeiro que o aluno do ensino fundamental já tivesse uma base de atividades físicas, uma base corporal para que ele chegasse aqui em condições de desenvolver o que o ensino médio pede. Infelizmente, eu acho que eles

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

não estão sendo trabalhados adequadamente nesta fase inicial da vida deles. Não só por culpa do profissional, mas também pela falta de intercâmbio, de reciclagem dos profissionais, da falta de proporcionar para esse profissional meios para que ele possa aprimorar. E segundo ponto, eu acho que está faltando por parte das autoridades de cobrar isto. Por que não se cobra no ENEM a Educação Física? Eu entendo que um profissional trabalha muito assim por tudo aquilo que é cobrado dele. Na Educação Física falta cobrança.

Professor 5

Entrevista realizada no dia 27 de agosto de 2002, no pátio da escola, alguns alunos caminhavam no local, outros conversavam na arquibancada e o restante jogava futsal na quadra coberta.

Idade: 38 anos

Onde realizou o curso de graduação?

Na ESEF, aqui em Jundiáí.

Quando o concluiu?

Terminei em 88.

Quais as disciplinas mais importantes na sua formação? Por quê?

Fisiologia, porque, particularmente, eu me transferi muito para a área de treinamento então metodologia do treinamento, ciência do treinamento, nessa área, principalmente.

O que aprendeu na graduação e mais utiliza em suas aulas com o Ensino Médio?

Muita coisa, a **disciplina de recreação ajuda bastante você lidar com a molecada** que hoje está bem difícil. Eu acho que a principal foi a recreação e mesmo a **parte de fisiologia em alguns momentos**.

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Possui pós-graduação? Em que nível? Onde e Quando a realizou? Qual o enfoque da mesma?

Tenho em treinamento desportivo, fisiologia do exercício e ciências do esporte. Fisiologia na Unimep em Piracicaba, ciências do esporte na Unicamp e treinamento na FMU.

Realiza cursos de atualização? De quanto em quanto tempo?

Sim, principalmente na área de treinamento desportivo e basquetebol. De dois em dois anos, mais ou menos.

Participou de algum curso de atualização/capacitação realizado pelo Estado nos últimos 5 anos?

Do estado nenhum, se o Estado tem realizado, eu não tenho feito.

Possui acesso a revistas especializadas da área? Quais?

Sim, revistas mais voltadas ao treinamento. Tem uma que chama treinamento desportivo que se não me engano a periodização é semestral.

Trabalha somente na rede pública? Número de aulas que possui? Há quanto tempo?

Pela prefeitura também. Eu sou concursado pela prefeitura de Jundiaí onde exerço a função de educador desportivo na modalidade de basquetebol. Nesta escola é o meu segundo ano, eu não sou efetivo no estado, eu passei no concurso mas não achei por bem me efetivar. No estado eu estou desde 87. Hoje eu tenho 20 aulas.

Trabalha em alguma área da Educação Física que não seja a escolar? Qual? Este emprego influencia nas suas aulas?

Com treinamento desportivo. Este emprego ajuda a compreender um pouquinho a molecada no que concerne à própria atividade física, entendeu? E também você percebe a diferença que é você trabalhar com um grupo de treinamento que tem um determinado objetivo dentro da área esportiva e Educação Física escolar hoje que é mais voltada para o aspecto recreacional e em alguns momentos até tentar impor estas atividades para eles, é um pouco constrangedor.

Trabalha somente com Ensino Médio?

Só médio.

Quais são as dificuldades em trabalhar com o Ensino Médio?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

A falta de material, a falta de objetivo por parte deles, é um pessoal que hoje vem para escola pensando em tudo, menos em fazer um bom curso. **A atividade física para eles não é encarada como uma questão de saúde, é encarada apenas como um momento único de lazer e a aceitação para eles ainda assim é baixa. Eu vejo a questão da disciplina um problema muito sério e também a questão de drogas, existem determinadas pessoas que vêm com o intuito aqui de difundir o consumo e por isso é importante dentro da escola uma direção presente, participante.**

Teve contato com os documentos: LDB? DCN? e PCNS?

Só os PCNs.

Quais são os objetivos do novo Ensino Médio?

No geral **preparar a molecada para os vestibulares** Não vejo no ensino médio um conteúdo mais programado.

De que maneira a Educação Física pode contribuir para que esses objetivos aconteçam?

A Educação Física, ela tem um algo a mais, ela é fantástica, ela **possibilita um grau de motivação, o respeito, possibilita a integração social, possibilita o aumentar a sua determinação, obter determinados objetivos, proporciona o respeito à situação social, às regras.** Eu acho que funciona muito neste aspecto.

Qual é o papel do professor dentro deste processo?

Em momentos especiais, eu acho que a Educação Física hoje, no ensino médio, entra mais **com um aspecto lúdico e recreacional** do que propriamente desenvolvimento das habilidades, capacidades motoras e tudo mais. Então se nós conseguirmos **fazer que eles tenham a prática desportiva, fazer desta prática um momento de lazer** e ao mesmo tempo dentro deste momento de lazer eles se respeitarem, **respeitem as regras do esporte**, respeitarem as pessoas como um todo, eu acho que a gente já está conseguindo muito dentro da Educação Física.

Na elaboração do planejamento das aulas os alunos participam?

Do planejamento não, mas muitas das atividades quando elas são propostas elas são solicitadas pelos próprios alunos. Uma vez que você tem aulas duplas então é só hoje, você tem duas aulas num período de 05 dias, é complicado você chegar e impor, então você vai ter uma aceitação por parte da clientela menor. Eu falo clientela, mas são os alunos, **porque é difícil com duas aulas, você se envolver com coisas que o PCN diz.**

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Quais são os principais conteúdos trabalhados nas suas aulas?

Eu ainda acho que a **parte social e de relacionamento é mais importante até do que o aspecto técnico e fundamentos de modalidades esportivas para esta faixa etária** principalmente. Eu trabalho com os jogos, eu sou a favor dos jogos, eu acho que o jogo por si só reflete todo o estado psicológico, social, afetivo, emocional do aluno. Não tem nada melhor do que o jogo. **O esporte, o jogar, jogar voleibol, basquete, futsal, tênis de mesa.**

Desenvolve projeto em conjunto com as outras disciplinas?

Quando a escola solicita, eu sou parte integrante, mas eu não discuto os objetivos destes projetos, pois não participo das HTPCs (incompatibilidade de horário – prefeitura X estado)

O que se espera que o aluno leve com ele, no término do ensino médio, com relação à Educação Física?

Eu gostaria que eles **percebessem a importância da atividade física num todo ou pelo menos percebessem a sensação de bem estar que a atividade física proporciona na ajuda do seu relacionamento com o grupo, o respeito às pessoas.** Eu acho que isso é mais importante do que o resultado em si do jogo. Não é jogar por jogar, mas é o aprender, jogando; não só no aspecto técnico da coisa, mas no aspecto cognitivo e afetivo que o jogo proporciona.

É possível o aluno-adolescente ao terminar o Ensino Médio ter autonomia em relação a sua prática de atividade física?

Eu não vejo hoje, esta possibilidade. Mesmo a gente tentando nas aulas, em alguns momentos, levá-los para a sala de aula e colocar: **o que é frequência cardíaca? Como se controla está frequência.** Mesmo quando a gente dá a atividade de caminhada eles não estão preocupados com este aspecto de controle de carga. Eles querem fazer por si só. Mas eles não têm autonomia pra determinar e controlar a sobrecarga do esforço que estão fazendo.

O que é necessário para melhorar a Educação Física no Ensino Médio?

Primeiro deveria aumentar o número de aulas, proibir a aula dupla e ficar pelo menos três vezes por semana uma aula de Educação Física e também voltar a aula de Educação Física para os ciclos básicos, porque aí fica mais fácil você dar uma seqüência no desenvolvimento deste aluno como um todo, é nessa faixa etária de 1ª a 4ª série e no

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

máximo até 7ª e 8ª que você vai propiciar a ele o gosto pela prática da atividade física, a sensação de satisfação de praticar uma modalidade desportiva e a partir do primeiro colegial eu acho que as informações que ele tem e recebe do meio externo da escola são maiores e como esta molecada hoje, não está tão habituada à prática desportiva, a gente acaba perdendo os alunos. E o estado está devendo com relação à Educação Física do ensino médio, mas antes do médio é preciso melhorar a base, é como o COB com o Pan de 2007, quer formar atletas, mas como fazer, se não existir esporte de base? Poderia começar pelas escolas.

Professor 6

Entrevista realizada no dia 26 de novembro de 2002, em uma sala de aula da escola, na quadra acontecia jogos interclasse.

Idade: 42 anos

Onde realizou o curso de graduação?

Na ESEF, Escola Superior de Educação Física, aqui em Jundiáí.

Quando o concluiu?

Terminei em 81.

Quais as disciplinas mais importantes na sua formação? Por quê?

Você quer saber no geral entre disciplinas teóricas e práticas? Olha eu considero assim tudo o que eu aprendi na **parte prática, que foram os esportes, deu a base prática para eu trabalhar com os alunos na quadra.** Mas toda a formação de **cinesiologia, anatomia, fisiologia** eu acho que não tem assim a mais importante, eu acho que mesmo **didática geral**, entendeu porque tem que ter didática, **psicologia**. Eu acho que são disciplinas que não dá para você ficar isolando ou uma ou outra. Todas têm que ser trabalhadas porque formam um conjunto no que você vai aplicar, entendeu.

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

O que aprendeu na graduação e mais utiliza em suas aulas com o Ensino Médio?

O que eu mais uso com o ensino médio?! Ensino médio é assim, a gente sabe que tem os PCNs aí, que a gente tem que incluir muita coisa além daquilo que a gente está acostumado. Mas eles gostam mesmo é de jogo. Então o que eu mais uso é procurar fazer assim um esquema tático diferente, de repente no vôlei tentar um 5X1 com eles, entendeu? No handebol, partir mesmo para a parte tática e técnica de esporte.

Possui pós-graduação? Em que nível? Onde e Quando a realizou? Qual o enfoque da mesma?

Não tenho.

Realiza cursos de atualização? De quanto em quanto tempo?

Eu trabalho com musicalização infantil em pré-escola. Todos os que eu encontro pela frente eu vou fazendo, mas quase sempre são de musicalização infantil.

Participou de algum curso de atualização/capacitação realizado pelo Estado nos últimos 5 anos?

Um sobre jogos cooperativos e outro sobre classe multisseriada, mas nenhum sobre ensino médio. Se tiver algum curso fora do estado e for interessante eu vou e faço.

Possui acesso a revistas especializadas da área? Quais?

Tenho, na escola a gente tem aquele Veja na sala de aula e traz artigos às vezes traz, este ano eu trabalhei com artigos da Veja. Fora isso, os que eu procuro, tipo assim: importância da alimentação, importância da água, obesidade, são trabalhos que eu passo para eles e que nós temos que desenvolver pesquisas.

Trabalha somente na rede pública? Número de aulas que possui? Há quanto tempo?

Eu trabalho em particular, eu sou formada em música também, em pré-escola com musicalização infantil, com crianças de 03 a 06 anos e às vezes como eu tenho a formação eu pego a recreação na pré-escola. Estou no estado há 20 anos com 22 horas.

Trabalha em alguma área da Educação Física que não seja a escolar? Qual? Este emprego influencia nas suas aulas?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Eu já fiz. Após me formar eu fiz um curso de natação para bebês e dei aula de natação para bebês, adulto e infantil. Isso eu fiz fora da escolar. **E a minha formação musical ajuda a trabalhar a parte de ritmo.**

Trabalha somente com Ensino Médio?

Com Educação Física, **no ensino fundamental também.**

Quais são as dificuldades em trabalhar com o Ensino Médio?

Eu sinto assim como a maior parte dos alunos já são meus alunos desde que, já faz treze anos que eu estou aqui nesta escola, praticamente desde a 6ª ou 7ª séries eles são meus, desde o momento que eles vieram pela manhã, eles são os meus alunos. Então eu não tenho muito problema em alunos que não queiram fazer aulas, eles gostam, a maior parte dos alunos gostam, **mas tem sempre aqueles que preferem ficar sentados, principalmente as meninas, elas não se envolvem muito e por ser aulas no período, elas não querem suar, elas não querem sujar a camiseta.** Eu sinto um pouco de dificuldade neste ponto **que não é 100% da classe que se empenha em fazer uma aula, não cair para não sujar a roupa,** alguns trazem uma camiseta, mas tem alguns alunos que eu tenho dificuldade, mas não são todos. Outro tipo de problema é assim, como eles **querem muito jogo, jogo, jogo eu não posso deixar só no futsal porque se for deixar é futsal o ano inteiro,** eu estou fazendo este campeonato porque eu não trabalho futsal o ano inteiro com eles. Então eu deixo mais para o final, o que eu sinto de dificuldade é tentar fazer com que eles gostem dos outros esportes. Mas como este meu trabalho já vem há anos, **a gente participa muito bem de handebol; eles tem equipes, no voleibol, coisa que antes eles não gostavam, basquete tem muitos meninos que gostam de basquete,** então eu procuro diversificar na medida do meu material e da quadra, das minhas possibilidades nos esportes para eles.

Teve contato com os documentos: LDB? DCN? e PCNS?

Eu tenho, inclusive os PCNs, tenho em mãos e quando eu monto o planejamento, eu procuro segui-los. Geralmente na época de planejamento sempre tem alguma discussão e quando foram lançados os PCNs a gente teve que estudar muito, a gente teve que tirar o planejamento daí.

Quais são os objetivos do novo Ensino Médio?

Fazer com que o aluno **tenha uma formação que vá conseguir concorrer lá fora, exercer a cidadania dele,** isso eu acho que é um ponto principal, é o que a gente

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

procura colocar na cabeça dele, se formarem cidadãos e terem uma formação mínima para esse mercado que está lá fora disputadíssimo.

De que maneira a Educação Física pode contribuir para que esses objetivos aconteçam?

Eu vejo a Educação Física principalmente no papel social, ela tem um papel social muito grande. Eu não vou querer que ninguém daqui saia jogador de nada, esportista de nada; mas, se o meu aluno souber respeitar a pessoa que convive diariamente do lado dele, está suficiente. Eu acho que o esporte ajuda muito isso. A Educação Física ajuda muito nisso.

Qual é o papel do professor dentro deste processo?

O professor atua como um agente sociabilizador.

Na elaboração do planejamento das aulas os alunos participam?

Eu procuro fazer isso, todo início de ano. Eu antes de fazer, eu já tenho meu planejamento mais ou menos elaborado do que eu vou trabalhar durante o ano. Mas, geralmente eles querem algumas outras coisas então, no início do ano eu faço uma avaliação, uma pesquisa dos interesses de cada um, na medida do possível eu encaixo. Nesta pesquisa eles geralmente querem mais parte de jogo. Devido à parte física da escola eu não posso trabalhar outras coisas tipo natação, então eu procuro fazer trabalho de pesquisa. Por exemplo, esportes radicais, às vezes eles tem alguém conhecido e trazem para demonstrar. Mas eu procuro fazer esta pesquisa dos interesses, para montar o planejamento que seja mais de acordo com a realidade deles.

Quais são os principais conteúdos trabalhados nas suas aulas?

Bom os conteúdos, eu faço os fundamentos dos quatro esportes que a gente desenvolve na escola que são futsal, vôlei, handebol e basquete. Eu procuro trabalhar a evolução deles, a parte prática do jogo. Fora esta parte prática eu trabalho também parte teórica de outros esportes que eles gostam e pesquisas sobre saúde, sedentarismo, higiene. Este seria o conteúdo básico.

Desenvolve projeto em conjunto com as outras disciplinas?

Sim, Fizemos o projeto da copa do mundo este ano foi interligado entre todas as disciplinas a parte de geografia pesquisou os países. É um projeto que todos os professores já participam. Eu procuro montar, já fiz projeto de músculos, ossos, coração junto com a professora de ciências, com a professora de matemática, por exemplo

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

freqüência cardíaca, a professora auxilia com os cálculos e eu com a respiração, por exemplo. Neste ponto a escola trabalha bem junta.

O que se espera que o aluno leve com ele, no término do ensino médio, com relação à Educação Física?

Eu espero que ele continue a perceber que a Educação Física, a atividade física vai fazer parte da melhoria da qualidade de vida dele. Eu espero realmente que ele goste de alguma coisa de alguma atividade física desde o caminhar até se ele quiser continuar jogando alguma coisa, mas que ele perceba a importância da atividade física na qualidade de vida. Isso eu espero realmente de todos porque eu procuro passar isto para eles.

É possível o aluno-adolescente ao terminar o Ensino Médio ter autonomia em relação a sua prática de atividade física?

Não eu acho que não, ele não é um profissional, ele poderá saber o que é bom e o que é ruim. Mas saber realizar um programa de atividade física, não. Eles são muito imaturos para isto. Mas se forem a uma academia, eu procuro orientá-los quanto anabolizantes, bomba. Mas autonomia é meio difícil, com a quantidade de aulas que eles têm. Eu acho difícil.

O que é necessário para melhorar a Educação Física no Ensino Médio?

O ensino médio tem classes numerosas, 3º ano tem uma aula só por semana. Aqui na escola eu não tenho muito problema com materiais, o que eu peço a escola procura comprar. Eu acho que o que precisa são os professores insistirem um pouco mais na importância da Educação Física, porque se deixar eles se encostam, eles não querem saber, deve ter mais cobrança, procurar diversificar, colocar coisas interessantes na aula, eu acho que é um caminho. Também falta apoio do estado. Eram três aulas semanais, diminuiu para duas, tiraram a aula de Educação Física do noturno, não tem mais, o 3º ano só tem uma aula semanal, com 42 alunos na classe uma aula de 50 minutos é meio complicado você fazer uma coisa regular. Seriam importantes mais aulas.

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Professor 7

Entrevista realizada no dia 27 de novembro de 2002, no pátio da escola, alguns alunos pulavam corda.

Idade: 29 anos

Onde realizou o curso de graduação?

ESEF, em Jundiáí.

Quando o concluiu?

Terminei em 93.

Quais as disciplinas mais importantes na sua formação? Por quê?

Eu acho que foi **educação do movimento, cinesiologia**, foi uma disciplina muito importante, **anatomia teria sido se a gente tivesse tido no ano oportunidade para ir para a faculdade de medicina**, então a gente não tinha material para estudo, então foi **dado assim em aulas teóricas, sem aulas práticas**; a medicina vetou a entrada dos alunos, foi o ano que nós começamos com quatro anos em Educação Física, aumentou a nossa média escolar para 8,0 (oito), **absurdíssima, o primeiro ano para mim foi muito tumultuado, foi briga com o MEC, com a faculdade, com os professores**. E aí logo no segundo ano melhorou. E acho assim, **basquete, handebol** foi assim de muita importância, foram professores que passavam as coisas na essência mas muito simples, hoje você olha e não esquece. Porque tem professores que falam, falam, falam e hoje você tem que pegar o livro para ler. Eu acho que **basquete, handebol, cinesiologia, educação do movimento, natação para mim foram as mais importantes**.

O que aprendeu na graduação e mais utiliza em suas aulas com o Ensino Médio?

Eu trabalho muito **percepção do espaço** com eles, **pois eu dou futebol com a classe inteira, eu ponho menino com menina, tudo misturado e eles dão trombada, eles não conseguem administrar aquele espaço**, 05 (cinco) na quadra eles conseguem, você põe 30 (trinta), 40 (quarenta) eles já começam a ficar perdidos, hoje eles já conseguem administrar melhor o espaço.

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Possui pós-graduação? Em que nível? Onde e Quando a realizou? Qual o enfoque da mesma?

Possuo **especialização em natação**, na FEFISA em Santo André.

Realiza cursos de atualização? De quanto em quanto tempo?

Poucos, o último que eu fiz foi na área de fitness, três anos atrás.

Participou de algum curso de atualização/capacitação realizado pelo Estado nos últimos 5 anos?

Do estado nenhum.

Possui acesso a revistas especializadas da área? Quais?

Não.

Trabalha somente na rede pública? Número de aulas que possui? Há quanto tempo?

Eu dou aula **em academia de natação, em academia particular**. Tenho a grade completa: 35 aulas. E estou aqui há três meses.

Trabalha em alguma área da Educação Física que não seja a escolar? Qual? Este emprego influencia nas suas aulas?

Como eu já disse eu trabalho com natação e este emprego acaba influenciando na minha profissão, pois a natação é o que eu mais gosto. Se eu pudesse trabalharia só com a natação.

Trabalha somente com Ensino Médio?

Não fundamental também.

Quais são as dificuldades em trabalhar com o Ensino Médio?

Não tenho problemas com eles. São alunos que entendem os exercícios, eu acho que é até mais fácil do que trabalhar com o fundamental. Pela idade deles, eles compreendem mais.

Teve contato com os documentos: LDB? DCN? e PCNS?

Muito pouco.

Quais são os objetivos do novo Ensino Médio?

Preparar para o vestibular.

De que maneira a Educação Física pode contribuir para que esses objetivos aconteçam?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Muito pouco, Educação Física não cai no vestibular.

Qual é o papel do professor dentro deste processo?

Demonstrar que apesar de não cair no vestibular, a Educação Física é importante.

Na elaboração do planejamento das aulas os alunos participam?

Não.

Quais são os principais conteúdos trabalhados nas suas aulas?

A única coisa que se consegue fazer é o jogo. Eu só tenho uma bola, e trabalhar com 48 alunos com uma bola é impossível.

Desenvolve projeto em conjunto com as outras disciplinas?

Não, a escola não solicita e não colabora. Nesta escola é quase inexistente.

O que se espera que o aluno leve com ele, no término do ensino médio, com relação 'a Educação Física?

Que eles gostassem de fazer atividade física.

É possível o aluno-adolescente ao terminar o Ensino Médio ter autonomia em relação a sua prática de atividade física?

Acredito que não, lógico que existem as exceções, a maioria não tem muitas habilidades, tem alunos que fazem atividades fora da escola, têm alunos que jogam no Etti Jundiaí.

O que é necessário para melhorar a Educação Física no Ensino Médio?

Tem que ser obrigatória, tem que reprovar. Se existe a obrigação de fazer, mesmo os que não gostam vão fazer alguma coisa. Um exercício, uma caminhada, um jogo de damas, eu já propus isto, quem não fizesse aula não teria nota e eu vi aluno que só ficava sentado, dando toque, fazendo um relatório da aula, então sabe escrever, sabe o que está acontecendo na quadra, não é totalmente leigo.

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Professor 8

Entrevista realizada no dia 29 de novembro, na quadra da Escola em que o professor dá aulas, em um horário que o mesmo encontra-se sem aulas.

Idade: 33 anos

Onde realizou o curso de graduação?

Na ESEF (Escola Superior de Educação Física).

Quando o concluiu?

Concluí no ano de 1994.

Quais as disciplinas mais importantes na sua formação? Por quê?

Todas, mas as que mais me envolveram foram **recreação, handebol e voleibol.**

O que aprendeu na graduação e mais utiliza em suas aulas com o Ensino

Médio?

As atividades voltadas para o esporte porque com elas eu desenvolvo todas as habilidades das crianças.

Possui pós-graduação? Em que nível? Onde e Quando a realizou? Qual o enfoque da mesma?

Não

Realiza cursos de atualização? De quanto em quanto tempo?

Sim, **sempre que surge oportunidade, e eu tenho grana, estou fazendo cursos. Bom eu faço curso de voleibol, recreação e lazer. Mas ultimamente está complicado fazer cursos por causa do tempo, trabalho de manhã, tarde e noite e quase todo o final de semana, então, não sobra tempo.**

Participou de algum curso de atualização/capacitação realizado pelo Estado nos últimos 5 anos?

Não.

Possui acesso a revistas especializadas da área? Quais?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Não. No começo eu até lia a do CBCE, mas as informações que elas trazem não me auxiliam no dia a dia. E eu estou cansado de blá, blá, blá. Somente leio a revista Nova Escola.

Trabalha somente na rede pública? Número de aulas que possui? Há quanto tempo?

Rede pública e privada. Tenho 20 horas no estado. Estou no Estado a 6 anos.

Trabalha em alguma área da Educação Física que não seja a escolar? Qual? Este emprego influencia nas suas aulas?

Não.

Trabalha somente com Ensino Médio?

Não, com o fundamental também.

Quais são as dificuldades em trabalhar com o Ensino Médio?

A nossa maior dificuldade é tentar desenvolver alguma coisa no ensino médio, porque, geralmente, no ensino médio o aluno vem praticamente cru de tudo ou seja o aluno no ensino médio, a maioria não tem noção de esporte, não tem uma coordenação bem desenvolvida, não tem habilidades desenvolvidas então no meu caso eu procuro desenvolver estas habilidades, num curto tempo de espaço que eu tenho porque a gente só tem duas aulas por semana, então na verdade o nosso objetivo é bem resumido.

Teve contato com os documentos: LDB? DCN? e PCNS?

Nos tivemos que ler os PCNs nas HTPCs, mas a LDB só houve uma pincelada por parte da coordenadora da escola.

Quais são os objetivos do novo Ensino Médio?

Preparar o aluno para a vida.

De que maneira a Educação Física pode contribuir para que esses objetivos aconteçam?

Bom, eu acho que o ensino médio ele deveria aprender muito mais, por exemplo, na questão da modalidade esportiva, ele deveria se aprofundar muito mais, por exemplo, ter noção de todos os fundamentos, como ele deveria já ter vindo no ensino médio com estes conhecimentos e não tem. É ter noção da importância da Educação Física,

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

qual a importância da Educação Física escolar, **Educação Física como referência de saúde, Educação Física como lazer**, então eu tento passar isso aí para eles.

Qual é o papel do professor dentro deste processo?

O professor tem um papel importante, **ser um agente motivador para que os alunos gostem e pratiquem atividade física; principalmente, na hora de lazer. Fazer que todos reconheçam a importância da atividade física.**

Na elaboração do planejamento das aulas, os alunos participam?

Não, porque o planejamento é feito logo no início do ano ou no ano anterior, há uma flexibilidade, mas ele já está pronto no início do ano.

Quais são os principais conteúdos trabalhados nas suas aulas?

Além dos conteúdos práticos de modalidades esportivas, a gente trabalha também sobre sistema de jogo; toda a fundamentação sobre as modalidades esportivas; a questão da teoria da Educação Física; os benefícios que ela pode trazer, os malefícios que ela pode trazer. Mais ou menos por aí.

Desenvolve projeto em conjunto com as outras disciplinas?

O último projeto que nós desenvolvemos foi no ano passado, eu entrei com um projeto sobre danças, fizemos a festa das nações, envolvendo praticamente todas as outras disciplinas, os alunos fizeram pesquisa sobre cada país, toda geografia, toda história, tudo sobre o país que eles tinham que apresentar as danças, e com isso, foi fazendo este trabalho aí.

O que se espera que o aluno leve com ele, no término do ensino médio, com relação a Educação Física?

Eu gostaria que eles tirassem aquela mentalidade da EF, que a EF é voltada apenas para o esporte ou seja, só jogar bola, jogar bola, jogar bola, na maioria dos alunos a mentalidade é esta daí. Então, eu gostaria que eles terminassem o ensino médio com uma outra visão da EF, que ele tivesse uma utilidade na sua vida.

É possível o aluno-adolescente ao terminar o Ensino Médio ter autonomia em relação a sua prática de atividade física?

Em partes, pois o trabalho não se concentra só no ensino médio, demanda tempo e deve ser iniciado lá no fundamental. Só assim será possível a autonomia.

O que é necessário para melhorar a Educação Física no Ensino Médio?

ANEXO III – Entrevistas (cont.)

Um maior investimento em cursos de atualização e muito trabalho duro do professor, iniciando no ensino fundamental.